
MINISTRANDO
COMO O MESTRE
Aprendendo com os Métodos de Jesus
STUART OLYOTT

MINISTRANDO COMO O MESTRE

Traduzido do original em inglês:
Ministering Like the Master

Copyright © The Banner of Truth Trust

ISBN Nº. 85-99145-11-8
Primeira edição - 2005

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem a permissão escrita dos Editores.

Tradução: Ana Paula Eusébio
Revisão: Marilene Paschoal
Daniel Deeds
Diagramação: Christiane Medeiros dos Santos
Capa: Edvanio Silva
Direção de Arte: Rick Denham

EDITORA FIEL DA
MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA
Caixa Postal 81
12201-970 São José dos Campos - SP

Índice

Introdução 5

Nosso Senhor não era um pregador enfadonho 7

1 Explicação 9

1.1 Palavras Comuns 9

1.2 Abundância de Frases Curtas 11

1.3 Perguntas Que Não Requerem Resposta Oral 12

1.4 Repetição 13

1.5 Contrastes 14

1.6 Uso Freqüente da Voz Ativa 15

2 Ilustração 16

2.1 Em Casa 17

2.2 Na Igreja 18

2.3 Situações Cotidianas 18

2.4 Experiências Cotidianas 19

3 Aplicação 21

3.1 Formas Diferentes de Aplicar 21

3.2 Diferentes Tipos de Aplicação 23

3.3 Aplicação Distintiva 26

3.4 Encerrando com Aplicação 28

Nosso Senhor era um pregador evangelista 31

1 Aponte o Dedo 32

1.1 Aponte o Dedo para Grupos Específicos de Pessoas 32

1.2 Aponte o Dedo para Pecados Específicos 34

1.3 Aponte o Dedo em Direção ao Dia do Julgamento 37

2 Dobre o Joelho 40
2.1 Porque Deus é Deus, Ele Manda! 41
2.2 Porque Deus é Deus, Ele Não Explica! 43
2.3 Porque Deus é Deus, Ele Não Pode Ser Explicado! 44
3 Abra os Braços 45
3.1 Abra os Braços - Convide! 46
3.2 Abra os Braços - Prometa! 49
3.3 Abra os Braços - Explique! 50
Nosso Senhor não era apenas um pregador 53
1 Ele se Identifica com os Pecadores 54
2 Ele Experimentou Tentação 55
3 Ele Faz Discípulos por Meio de Conversas Pessoais 57
4 Ele Confronta o Mal Pessoalmente 58
5 Ele Preocupa-se com os Doentes 60
6 Ele Mantém Uma Vida de Oração Secreta 62
7 Ele Toca os Rejeitados 65



Introdução

O telefone tocou. Quem seria do outro lado da linha? Seria uma voz amiga, ou alguma outra voz?

Eu ouvi os tons gentis de Iain Murray da Banner of Truth Trust.

"Stuart," ele disse, "nós estamos pensando sobre a Conferência em Leicester para Pastores, no ano 2000. Você pode pregar?"

"Iain, você sabe que pelos últimos quarenta anos, aproximadamente, minha pregação tem consistido principalmente de pouco além da tradução de Matthew Henry para o inglês moderno."

"Queremos que você pregue!"

Então, esta é a razão pela qual estas mensagens foram pregadas e constam aqui para publicação. A providência Divina programou tudo. O assunto que escolhi foi "Ministrando Como o Mestre".

Mas, enquanto pregava as mensagens em Leicester, senti um pouco de embaraço e sinto o mesmo agora, no momento de pregá-las de forma escrita.

Qual a razão deste embaraço? É bastante claro que não sou suficientemente dotado para chegar ao fundo deste assunto e explorar suas raízes, nem sou suficientemente dotado para explorar seus amplos horizontes.

Então, decidi me concentrar apenas em três pontos que creio serem úteis para pregadores em toda parte. Eles estão distribuídos nos três capítulos deste livro. O primeiro capítulo é uma lição com aroma de sermão e os outros dois são sermões com sabor de lição.

No primeiro capítulo, veremos que o Senhor não era um pregador enfadonho. Você é um pregador enfadonho? Já aconteceu do desinteresse tomar conta da congregação, enquanto você pregava? Então, você não está ministrando como o Mestre.

No segundo capítulo, veremos que nosso Senhor era um pregador evangelista. Isto poderia ser dito a seu respeito? Se não, você precisa saber que não está ministrando como o Mestre.

No terceiro capítulo, veremos que nosso Senhor não era apenas um pregador. Se você é um pregador, e nisto consiste *tudo* o que você é, então, não está ministrando como o Mestre.

Quão maravilhoso seria, se os pregadores cristãos de todo o mundo, estivessem ministrando tais como o seu Mestre! A minha oração mais séria é que o Senhor se agrade em usar estes modestos capítulos para transformar os ministérios de incontáveis homens que falam em nome dEle.

STUART OLYOTT

Universidade Evangélica Teológica de Gales
Bryntirion, Bridgend
Janeiro de 2003



Nosso Senhor não era um pregador enfadonho.

Neste capítulo inicial estou convidando você a abrir a Palavra de Deus no Sermão do Monte em Mateus, capítulos 5, 6 e 7. Dos trechos de ensino do Senhor, este é o mais longo que já foi registrado. É longo, mas *não é enfadonho!* E por que não? Porque nosso Senhor possuía um método preciso de ensino.

Nosso Senhor se comunicava verbalmente, e é isto que olharemos neste capítulo. *Erudição* e *oralidade* não são a mesma coisa. A forma como nos expressamos na escrita é muito diferente da forma como nos expressamos na fala. Há algumas similaridades entre as duas, assim como há algumas similaridades entre futebol e rúgbi, embora não sejam o mesmo jogo. Pregações são feitas inteiramente de maneira verbal. Isto significa que se você não usa a oratória tal qual um pregador, certamente pregará mal. A forma de falar do nosso Senhor era característica, clara, simples e fácil de copiar. Aqueles que não tentam cultivar uma oratória semelhante não desejam realmente ministrar como seu Mestre, comportam-se como se soubessem mais do que Ele. Então, como era a oratória do nosso Senhor?

Você já esteve tão comovido por algo que leu em um livro a

ponto de dizer a si mesmo: "Minha vida nunca mais será a mesma"? Isto aconteceu comigo, quando li o capítulo 16 de *The Incomparable Christ* (O Incomparável Cristo), de Oswald J. Sanders. O capítulo é intitulado "The Teaching of Christ" (O Ensino de Cristo) e refere-se a James H. McConkey que, diz Sanders, "indicou haver um método triplo no impecável ensino de nosso Senhor".[1] E qual era? *Explicar-Ilustrar-Aplicar*. Estas três palavras mudaram todo o meu entendimento sobre como a pregação deve ser feita.

Sanders nos leva a Mateus 6.25-34 para nos dar um exemplo das três correntes entrelaçadas que consistem na oratória de nosso Senhor, seu método preciso de ensino.

Quando eu era um menino de oito ou nove anos, na minha sala de aula quase todas as meninas usavam tranças. Vindo de uma família com meninos apenas, sem nenhuma irmã que me esclarecesse, ficava sentado bastante tempo tentando decifrar como elas entrançavam seus cabelos. A menina que sentava à minha frente movia-se constantemente, o que dificultava meus cálculos. Mas, eventualmente, vi que haviam três mechas numa trança, apesar de haver uma única trança. Contudo, não é fácil desvendar qual mecha é qual. Quanto mais você as olha, mais propício estará a confundi-las. Se algum leitor não entende isto, provavelmente nunca sentou, em uma sala de aula, atrás de uma menina usando tranças!

Nosso Senhor explica, ilustra, aplica; explica, ilustra, aplica... Você pode pegar qualquer sentença de Mateus 6.25-34 e perguntar a si mesmo o que Ele está fazendo naquele momento em particular. Ele está explicando aqui? Ou ilustrando? Ou aplicando? É fácil ver a trança, mas as mechas não. Geralmente Ele está fazendo duas destas coisas de uma só vez, e, às vezes, Ele está fazendo todas as três.

Em Mateus 6.25, o Filho de Deus diz:

"Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao

---

[1] Sanders, Oswald J., *The Incomparable Christ* (Londres, Marshall Morgan and Scott, 1971), p.116.

que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?"

O que o nosso Senhor está fazendo aqui? Está *explicando*? Sim, Ele está, pois nos ensina a não nos preocuparmos. Está *ilustrando*? Sim; está dando exemplos reais de preocupações. Está *aplicando*? Sim; Ele está nos dizendo, como cidadãos do seu reino, que inquietarmo-nos não é algo que deveríamos fazer. Isto se trata de um imperativo claro.

Olhemos agora o próximo verso, Mateus 6.26: "Observai as aves do céu", diz nosso Senhor, *ilustrando*, "não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros", ainda *ilustrando*; "contudo, vosso Pai celeste as sustenta", está obviamente *explicando*. "Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?", está *explicando* por meio de uma pergunta, mas também está *aplicando*.

Esta é a maneira como nosso Senhor procede até o fim da seção, e, de fato, é isto que Ele faz na maior parte do sermão. As três correntes entrelaçadas nunca são quebradas. As correntes são tecidas juntas, indissociavelmente. É impossível separá-las, e geralmente é até impossível distingui-las. *Explicar-Ilustrar-Aplicar* é a maneira divina de ensinar verbalmente. O maior sermão já pregado é simples em sua apresentação.

Mas *como* nosso Senhor explica? *Como* Ele ilustra? *Como* Ele aplica? É o que descobriremos, enquanto dividimos o restante de nosso capítulo em três seções.

(1) *EXPLICAÇÃO*

Por conta do que vem em seguida, façamos uma suposição básica. Suponhamos que nossas versões das Escrituras sejam mais ou menos precisas e que fielmente reflitam o grego no qual o evangelho de Mateus foi escrito. *Como* nosso Senhor explica?

(1.1) *PALAVRAS COMUNS*

Eu fui tentado a nomear essa seção de "Vocabulário acessível"! Viajemos de volta à Palestina do século I. Desçamos ao mercado.

Ouçamos naquele lugar as conversas das mulheres discutindo preços de cereais e frutas.

Observemos seu vocabulário. O que estão dizendo? Que palavras estão usando? Nesse sermão, há alguma palavra que estas mulheres não usariam na vida cotidiana?

Acheguemo-nos aos homens que esquivam-se do sol e talvez se detenham à entrada da carpintaria. Eles conversam, enquanto esperam o carpinteiro terminar suas encomendas. Há alguma palavra, nesse sermão, que teria sido estranha aos ouvidos destes homens?

Fiquemos do lado de fora da escola local. Alguns pais estão lá, esperando que seus filhos saiam. Por acaso, ouvimos o que dizem, e tentamos escutar as conversas dos adultos e crianças quando cumprimentam uns aos outros e, então, caminham de volta para casa. Existe, nesse sermão, alguma palavra que pessoas comuns como estas, considerariam difícil?

O Sermão do Monte é um sermão de palavras comuns — e não acadêmicas, eruditas, sofisticadas, ou do tipo usadas somente por um certa classe social, nem palavras do "velho mundo". Ele foi proferido com palavras comuns, usadas por gente comum, de vida comum.

O que isto significa para as pessoas atualmente? De acordo com um guia publicado pelo *Sunday Times*,[2] isto significa usar sentenças onde noventa por cento das palavras são palavras curtas. É assim que pessoas comuns falam. Esta é sua linguagem. Aqueles que falam ou escrevem de outra forma não estão usando a linguagem do povo. O uso de uma linguagem mais difícil pode ser a forma correta em determinadas situações, mas não é a forma correta na pregação. Pregações são feitas verbalmente. Têm como objetivo o ser compreendido. Se, ocasionalmente, é necessário o uso de palavras incomuns, elas são explicadas. Pregadores que não usam

---

[2] Coole, Robert, Crisp, *Clear Writing in One Hour*, Londres: Mandarin, 1993, pp. 86-96.

palavras do dia-a-dia em suas mensagens não estão ministrando como o seu Mestre.

(1.2) *Abundância de Frases Curtas*

Como o Sermão do Monte começa? Mateus 5.1-10 mostra que o sermão é iniciado com uma explosão de frases curtas. Após isto, em quase todo o sermão você pode ver repetidamente que há *abundância* de frases curtas.

"Vós sois a luz do mundo" (5.14). "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (5.48). "Porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (6.21). "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (6.33). "Não julgueis, para que não sejais julgados" (7.1). "Pelos seus frutos os conhecereis" (7.16). Quem pode esquecer sentenças como estas? Nos deparamos com elas por todo o sermão. São tão impressionantes como notáveis. Nós ouvimos tais sentenças uma vez e as consideramos como inesquecíveis.

Mas isto não significa que o sermão seja feito *apenas* de frases curtas. O Filho de Deus não impõe tal regra a qualquer um de nós. Seu sermão também contém muitas sentenças longas. Se você quiser fazer algum estudo adicional, por que não trabalhar com o sermão e tentar encontrar, entre todas, a mais longa sentença?

Mateus 5.19 é uma frase longa; mas não é simples? "Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus."

Podemos dizer o mesmo de Mateus 6.6: "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará". Esta frase é longa quando escrita mais do que quando falada. O que quero dizer com isto? A frase escrita é longa, mas não *soa* longa, pois é dividida em "suaves bocados" enquanto é falada. Este é um ponto importante a ser percebido quando a oratória está em desenvolvimento.

Mateus 7.24-25 é uma frase particularmente longa: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será

comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha". A frase é longa mas não é complicada. Como Mateus 6.6 ela facilmente se divide em seções menores. Também é altamente perceptível, contém alguma repetição, e cria uma medida de suspense. Ninguém ouvindo esta frase a qualificaria como longa. O pregador habilidoso se certifica de que nenhuma de suas frases se mostrem pesadas.

(1.3) *Perguntas Que Não Requerem Resposta Oral*

Essa seção deveria, rigorosamente, ser chamada "perguntas de retórica", mas este não é um termo usado por pessoas comuns no dia-a-dia! Nesse sermão, tais perguntas são encontradas em Mateus 5.13,46 (duas vezes); 47 (duas vezes); 6.25-28, 30-31 (três vezes); 7.3-4, 9-10, 16, 22.

Perguntas são coisas maravilhosas, não é verdade? O que acontece quando um pregador faz uma pergunta? (O que está acontecendo com você, como leitor, enquanto eu faço esta pergunta?) A resposta é que você tenta responder! Isso acontece, seja em voz alta ou baixa. No momento em que você tenta responder, ainda que interiormente, a pregação cessa de ser um monólogo. Se torna um diálogo. Dentro de sua mente, você não ouve somente a voz do pregador, mas também sua própria voz. De repente, tudo passa a ser mais interessante. Nosso Senhor é um mestre em tais perguntas e os melhores pregadores na história têm seguido seu exemplo.

Quantas perguntas há no Sermão do Monte? Dezenove. Quinze do nosso Senhor, e mais quatro em sua narrativa. E quanto tempo levaria a leitura do sermão em voz alta, se você o fizesse compassadamente? Tomaria aproximadamente quinze minutos. Então nosso Senhor, em sua pregação, faz uma pergunta por minuto.

E quanto a você, pregador? Faz uma pergunta por minuto? Não? Poderia ser esta uma das razões para você, ao contrário do nosso Senhor, estar se tornando um pregador enfadonho?

Como nosso Senhor organiza suas perguntas? Há poucas no

começo do sermão, mas, de repente, em 5.46-47, Ele faz um aglomerado de quatro. Neste ponto, talvez, o interesse estivesse começando a enfraquecer. O que pode recapturar melhor o interesse que uma pergunta?

Depois, nosso Senhor prossegue bastante tempo, antes de fazer mais perguntas. Então, em 6.25-30, Ele faz cinco perguntas em rápida sucessão, seguidas de mais três em 6.31, onde aparecem em sua narrativa. Após isto, suas perguntas ficam um tanto regularmente espaçadas, conforme o sermão se aproxima do fim.

Não é interessante? Por que nosso Senhor organiza suas perguntas dessa maneira? Porque todos nós temos problemas em manter concentração. Assim, nosso Senhor ensina por um tempo, e então faz muitas perguntas para trazer seus ouvintes à vida novamente. Depois, ensina por mais um tempo antes de reavivá-los mais uma vez com mais perguntas. Assim, quando eles começam a ficar cansados, Ele faz suas perguntas com certa regularidade. Como um comunicador, o encarnado Filho de Deus é um gênio. Quão sábio é o pregador que trabalha para desenvolver uma oratória semelhante à dele.

(1.4) *Repetição*

Voltemos ao começo do sermão, em Mateus 5.1-12. Como ele começa? "Bem-aventurados... bem-aventurados... bem-aventurados..."

Como o capítulo 5 prossegue? Seis vezes ouvimos o mesmo refrão: "Ouvistes que foi dito... eu, porém, vos digo..." (5.21, 27, 31, 33, 38, 43).

Também há repetições no capítulo 6. Quantas vezes atos de caridade são mencionados em 6.1-4? Nosso Senhor prossegue, dizendo: "quando orardes... quando orardes... e orando..." (6.5-7).

O que acontece no capítulo 7? Veja os versos 7 e 8: "*Pedi*, e dar-se-vos-á; *buscai* e achareis; *batei*, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que *pede* recebe; o que *busca* encontra; e, a quem *bate*, abrir-se-lhe-á".

Eu conheço muitos pregadores que têm dificuldade de ligar para suas esposas porque não conseguem lembrar o número do

próprio telefone. Eles não têm problemas para lembrar o número dos mais destacados em sua equipe, e sim para lembrar o de suas próprias casas! Por que isto é assim? Porque eles telefonam para estes freqüentemente, mas para suas próprias casas nem perto disto. Como se aprende o número de um telefone? Discando, discando e discando. Só se aprende mesmo, discando muito.

Você já percebeu que os jovens conhecem literalmente centenas (sim, *centenas*) de músicas de cor? Como eles conseguem? Assistiram aulas noturnas? Tiveram aulas na arte da memorização? Todos sabemos a resposta: eles ouviram as músicas, ouviram-nas, ouviram-nas e ouviram-nas. E, então, cantaram-nas.

Deus nos constituiu assim. Repetição é uma das maneiras de Deus ensinar as pessoas. Você conhece uma das maneiras de Deus ensinar as pessoas? Repetição!

(1.5) *CONTRASTES*

As bem-aventuranças são uma série de contrastes (5.1-12). "Bem-aventurados os *humildes* de espírito, porque deles é o *reino* dos céus" é a primeira bem-aventurança. O contraste é óbvio, e semelhantemente acontece com todas as bem-aventuranças subseqüentes.

O refrão de seis repetições do capítulo 5 também é um contraste de seis características; "Ouvistes que foi dito... *Eu*, porém, vos digo..." (5.21/22, 27/28, 31, 32/33, 38/39, 43/44).

Como nosso Senhor dá seus ensinamentos sobre esmolas, oração e jejum? Sua lição principal é a mesma por todo o seguimento: *não* daquele jeito, mas *desse* (6.2, 5, 16). Onde o tesouro deve ser acumulado? *Não* na terra, *mas* no céu (6.19-20).

Por qual portão as pessoas devem entrar para estarem eternamente seguras? *Não* pelo largo, *mas* pelo estreito (7.13-14). Como discernir entre os ludibriadores e os que pregam a verdade? Toda árvore *boa* produz bons frutos, porém, a árvore *má* produz frutos maus e nenhum tipo de árvore produz frutos naturais de outras espécies (7.17-19).

Qual a grande característica dos crentes verdadeiros? Eles são pessoas que não *dizem* apenas "Senhor", mas que *vivem* sob o senhorio do Pai (7.21). No desenvolvimento de sua vida,

portanto, é essencial ser um construtor *prudente* e não *insensato* (7.24-27).

Então, ministrar como o Mestre não é somente uma questão de ensinar a verdade. A verdade precisa ser ensinada em claro contraste ao erro. Não é suficiente apontar o caminho certo; também devemos descrever o caminho errado aos nossos ouvintes, e dizer aonde ele conduz. Tal abordagem sempre é cativante. Faz com que a verdade seja cristalina e liberta os circunstantes do enfado, como rapidamente descobriram os ouvintes originais do nosso Senhor.

(1.6) *Uso Freqüente da Voz Ativa*

"Eu fui mordido pelo cão" é uma frase na voz *passiva*; "O cão me mordeu" está na voz *ativa*. "Estou enfadado pelo que leio" está na voz *passiva*; "O que estou lendo me enfada" está na voz *ativa*.

Em seus ensinamentos, nosso Senhor usa freqüentemente a voz ativa. Este é um ponto que deveríamos observar, mas não insistir nele demasiadamente. Afinal, nosso Senhor usa bastante a voz passiva. Se pegarmos somente o capítulo 5, veremos vários exemplos. "Ouvistes que foi dito aos antigos..." (5.21) está na voz passiva, assim como todos os versos que repetem esta expressão.

Mas nosso Senhor usa freqüentemente a voz ativa. Sua linguagem é direta. Em Mateus 5.11, por exemplo, Ele disse: "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós". Mas, Ele *poderia* ter dito: "Sereis bem-aventurados quando injuriados e perseguidos e quando toda sorte de mentiras for dita contra vós por minha causa". Mas ao colocar a frase na voz passiva, ela não mantém a mesma força, não é mesmo?

Em Mateus 5.16 nosso Senhor disse: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus". Mas, Ele *poderia* ter dito: "Que vossa luz brilhe para que vossas boas obras sejam vistas e para que vosso pai que está nos céus seja glorificado". Esta linguagem é tão exata quanto a outra. Mas todos podemos ver que não é igualmente impressionante. Não é a

linguagem de uma boa oratória. A voz ativa é muito mais direta e, de conformidade com nosso Mestre, deveríamos usá-la a maior parte do tempo.

Então, o que aprendemos nessa primeira seção? Nosso Senhor *explica* — usando palavras comuns, muitas frases curtas, perguntas que não requerem resposta, repetições (Veja que *isto* é uma repetição!), contrastes e principalmente a voz ativa. O maior sermão já pregado é simples em sua apresentação. Se não faço coisas da mesma maneira, preciso questionar se estou ministrando como o Mestre.

(2) *ILUSTRAÇÃO*

Você tem o hábito de marcar sua Bíblia? Se você não quer estragar a Bíblia que usa diariamente, por que não procurar uma antiga que você não usa mais e destacar nela todas as ilustrações que podem ser encontradas no Sermão do Monte? (Ao usar a palavra "ilustrações", obviamente, não quero dizer apenas *histórias*). Quanto do Sermão você acha que seria destacado? Cerca de um terço dele.

Agora deixe-me considerar o domingo passado, ou a última vez que preguei. Estava diante de homens, mulheres, jovens e crianças para transmitir verbalmente um ensino um tanto prolongado. Quanto de ilustração tinha nele?

Pelo Sermão do Monte, nosso Senhor *ilustra*. Ele usa linguagem que pode ser *vista*. Há qualquer coisa abstrata em seu sermão? De ponta a ponta, Ele "coloca olhos nos ouvidos das pessoas".

Olhemos rapidamente que tipo de ilustrações nosso Senhor usou lá. Você percebe quantas *histórias* curtas há no sermão? Sabemos que a maior parte do ensino público do nosso Senhor foi dado por parábolas e estas são histórias que amamos, valorizamos e facilmente lembramos. Mas o Sermão do Monte não é uma série de parábolas. Há apenas uma pequena quantidade de histórias nele, e vêm já ao final. Capítulo 7.21-23 é uma predição clara, ensinada em uma breve narrativa. Os versos 24-27 podem ser, de acordo com seu ponto de vista, uma breve parábola. Nosso Senhor está chegando ao fim do sermão e esclarece um ponto. Ele está pregando em função de um veredicto, como veremos, e o faz por meio de

uma história bem curta. Estes são os únicos exemplos de narrativa em todo o sermão; e ainda assim no mesmo sermão há abundância de ilustrações.

A que tipo de coisa nosso Senhor se refere quando ilustra? A resposta é simples, Ele fala do que você *vê* e *experimenta* no seu cotidiano.

(2.1) *Em Casa*

Se você estivesse vivendo na Palestina do Século I, o que veria e experimentaria em casa? Veja a pequena lista: sal, luz, candeias em veladores, traças, ferrugem, ladrões arrombando paredes, preocupações quanto ao que comer, beber e vestir e crianças pedindo *coisas* aos seus pais — o que nos mostra que alguns aspectos da vida simplesmente não mudam!

Quais os equivalentes modernos? Entremos pela sua porta da frente; quais coisas você pode *ver* em casa? O que você *vivencia* lá?

Quando entro em minha própria casa, há um tapete onde se tropeça, um telefone numa estante pequena, ganchos onde se pendura roupas e uma escada. À sua frente, nossa cozinha, onde há certo número de objetos domésticos e acessórios elétricos — alguns que funcionam e outros que funcionavam! Em cada cômodo há luzes, quadros, adornos e mobília. E há pessoas. Isto significa existência de conversas, algumas sobre acontecimentos e problemas recentes e outras sobre assuntos que mal têm mudado durante os anos.

O que o acorda pela manhã? Onde faz a barba, ou toma banho? Em que horário toma café da manhã e com quem? O que você come? Onde guarda suas roupas e como decide o que usar? Qual a rotina de sua família à noite? No que se refere aos trabalhos domésticos, quem faz o quê, e como isto é decidido?

O lar é o lugar ao qual pertencemos e onde passamos grande parte de nossa vida. O que vemos e experimentamos lá pode parecer muito trivial e sem importância, mas estes são os contatos e experiências mais familiares a nós. Nosso Senhor sabia disto e constantemente ilustrava seus ensinamentos se referindo ao que acontece em casa. Aqueles que seguem seus passos são chamados a fazer o mesmo.

(2.2) *Na Igreja*

Seria ir muito longe se chamasse uma sinagoga de igreja? A sinagoga era o centro da vida judáica no século I e era o lugar de adoração mais familiar a todos que ouviram o Sermão do Monte. Eles também iam ocasionalmente ao Templo em Jerusalém.

Se você freqüentasse uma sinagoga do século I, e fosse algumas vezes ao Templo, o que veria e experimentaria na "igreja"? Coisas insignificantes; ofertas trazidas ao altar; ensinamentos do púlpito acerca de assassinato, adultério, divórcio, juramentos, vingança e amor ao próximo; fariseus, doação de esmolas, orações constituídas de vãs repetições pelas esquinas, pessoas jejuando com semblantes descaídos, profetas, exorcistas... e a lista poderia se estender e se estender. Quão freqüentemente nosso Senhor se refere a estas pessoas e itens em seus ensinos!

O que você vê e experimenta na igreja hoje em dia? Hinários, órgãos, bancos e púlpito, anúncios, coletas, hinos, orações, leituras e sermões, pastores, pregadores, pessoas atentas, desordeiras, distraídas e entediadas, crianças barulhentas e bebês chorões, orações longas e monopolizadoras em reuniões de oração; rudeza em reuniões de negócios — e até onde iremos com esta lista? Se um pregador tiver seriedade em seguir o exemplo do seu Senhor, não fará amplo uso de todas estas coisas para ilustrar a verdade que ensina e aplica?

(2.3) *Situações Cotidianas*

Quais objetos cotidianos podemos ver na Palestina do século I? Deixemos que o sermão de nosso Senhor nos trace uma lista: uma cidade numa montanha, mãos direita e esquerda, céu e terra, cabeça e cabelo, coletores de impostos, pássaros, flores, grama usada como combustível, balanças nos mercados, cães, porcos, portões largos e outros estreitos, ovelhas, lobos, espinheiros, figos, cardos, árvores frutíferas, construtores e tempestades. Magnífico, não? Enquanto escutamos ao Senhor, podemos ver a vida como era vivida durante aquele período.

Os melhores pregadores na história sempre seguiram seu Senhor neste ponto. Lendo João Crisóstomo se torna claro como a vida era em Constantinopla do século IV. Ao lado de Calvino, sentimos o dinamismo e as emoções da Genebra do século XVI, ouvimos seus sons e respiramos suas expectativas. Algo semelhante acontece conosco quando nos voltamos a Spurgeon. Estamos na Londres do século XIX. Suas ilustrações são tão contemporâneas e tão cheias de vida que não temos impressão alguma de sermos expectadores distantes.

O que acontecerá se, em poucos séculos, alguém ler meus sermões ou ouvir as gravações em fitas ou CDs? Esse alguém saberia onde e quando eu preguei as mensagens porque está escrito tanto nas anotações quanto nas gravações; mas conseguiria ver em sua mente como a vida era em Liverpool, no início do século XXI, ou no sul do país de Gales? Teria alguma idéia?

Seriam meus sermões um tipo de vídeo verbal através do qual se veria não apenas o que preguei, mas também o mundo no qual proferi tal pregação? Seria possível tirar informações de minhas ilustrações? Minhas mensagens seriam um tipo de ônibus espacial transportador ao mundo no qual ministrei, guarnecendo as pessoas não só do conteúdo dos meus sermões, mas também da minha situação e época? Ou se pensará que apesar de ter pregado naquele tempo, tudo que se pode ver é o que aconteceu em outras épocas? Se este é o caso, eu não tenho ministrado como o Mestre.

(2.4) *Experiências Cotidianas*

Que experiências cotidianas as pessoas tinham na Palestina no tempo de ministério de nosso Senhor? Podemos interagir com elas, enquanto lemos este grande sermão: alguém chamando outro de "tolo", um tribunal conduzindo sentença de prisão; lascívia por uma mulher, bofetada na face, ser processado por conta de um casaco, ser barrado por um soldado romano que insiste em ter sua bolsa carregada; ver um mendigo; ouvir alguém sendo amaldiçoado; recusa em perdoar alguém; ser ferido por um cisco nos olhos, enquanto se corta madeira; construção de casa em fundação sólida ou instável, antes de uma tempestade.

Algumas destas experiências são comuns a *todas* as épocas,

não são? E algumas são comuns *àquela* época. Em nossos sermões, se estamos ministrando como o Mestre, as ilustrações que usamos serão dos dois tipos. Haverá ilustrações próprias de *qualquer* época, mas também haverá ilustrações referentes a aspectos da vida moderna que eram alheios à época anterior — globalização, crises financeiras, internet, problemas no computador, cirurgias modernas, telefones celulares, camisetas, tênis e jaquetas, alarme contra roubos, airbags inflando mesmo quando o carro está correndo normalmente, transferências multimilionárias de jogadores de futebol de um time para outro, comida congelada, prazo de validade, cartões de gratificação no supermercado, pílulas de vitaminas e terrorismo internacional.

Nas ilustrações de nosso Senhor, ele fala sobre a vida *de acordo com o que seus ouvintes conhecem dela naquele determinado tempo.* Agora, o que acontece quando leio Spurgeon? Eu li uma ilustração de um homem caminhando, próximo à igreja, em direção aonde iria vender alguns patos. É uma ilustração muito boa, entretanto, mal posso usá-la hoje em dia. Francamente, eu não conheço ninguém que possua patos! Em outro lugar, li uma boa ilustração baseada num incidente em que uma carruagem alugada por Spurgeon seguiu pela rua errada. E penso que posso adaptá-la! Mas o que deveria fazer com as ilustrações que ele usa referentes a lamparinas? É verdade que uma vez realmente tivemos lamparinas na igreja durante um período de queda de energia, mas elas não são algo a que posso me referir facilmente num sermão moderno.

Então, o que devo fazer quando não posso usar ou adaptar as ilustrações dos mestres? Tenho de ser criativo. Preciso manter meus olhos abertos, enquanto os exemplos do meu Senhor me ensinam. Preciso estar constantemente observando a vida como ela é *neste momento* e dispor tudo que vejo e experimento a serviço do que estou ensinando. Quais objetos as pessoas vêem todos os dias? Quais suas experiências diárias? O que é *conhecido* delas? Como posso usar o que é *conhecido* delas para ensiná-las o que, no momento, lhes é *desconhecido*? Tal material é encontrado em toda parte do meu sermão? As ilustrações contam um terço das palavras que falo? Estas são as perguntas que um pregador semelhante a Cristo faz.

(3) *APLICAÇÃO*

Explicação-Ilustração-Aplicação. Estas são as palavras-chaves. Nós examinamos duas delas e agora chegamos à terceira.

No Sermão do Monte, onde a aplicação começa? Exatamente na primeira palavra, "e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados..." No momento em que estas palavras são proferidas, nos flagramos fazendo uma série de perguntas. Em quem Deus se agrada? Quem desfruta de seu favor e bênção? Qual o segredo de tal felicidade? A aplicação começou!

Você tem mais de uma caneta marca-texto em casa? Por que não ler o Sermão do Monte mais uma vez, e com uma cor diferente, destacar todas as aplicações que nosso Senhor faz? O que você perceberá? Você verá que suas aplicações não são encontradas simplesmente no fim do sermão, mas percorrem todo o sermão. São muito diretas, e há uso constante dos pronomes "tu" e "vós". E quanto do sermão é feito de aplicação? A resposta é a mesma acerca das ilustrações: por volta de um terço dele.

O que mais deve ser dito quanto a estas aplicações? Há quatro pontos particularmente notáveis e os examinaremos alternadamente.

(3.1) *FORMAS DIFERENTES DE APLICAR*

Nosso Senhor faz suas aplicações de muitas formas diferentes. Para mim, este se trata de um ponto muito importante a ser compreendido. Se eu sempre faço minhas aplicações no mesmo velho método, realmente não tenho dado muita atenção ao exemplo do meu Senhor. Ele é o Mestre ou não? Não foi sobre Ele que disseram: "Jamais alguém falou como este homem" (Jo 7.46)?

Às vezes, Ele aplica por *AFIRMAÇÕES*. É isto que Ele faz quando pronuncia as bem-aventuranças em Mateus 5.3-12. Faz o mesmo em sentenças como a de Mateus 5.19: "Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus". Podemos tomar Mateus 7.21 como outro exemplo de afirmação simples: "Nem todo o que me diz: Senhor,

Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus". O significado destas afirmações é muito óbvio para não ser compreendido. Entretanto, as afirmações são também aplicações. Afirmações simples constituem uma forma de aplicação da Palavra.

Algumas das aplicações de nosso Mestre são feitas no modo *IMPERATIVO*. São ordens ou instruções. "Regozijai-vos e exultai..." (5.12 a) é um exemplo de tal instrução. Uma ordem igualmente clara é: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (5.16); semelhantemente a "portanto, vós orareis assim..." (6.9) e "não andeis ansiosos ... não vos inquieteis" (6.25,31,34). Desta forma, vimos duas maneiras distintas de se fazer aplicações.

Em outras ocasiões, nosso Senhor aplica sua mensagem fazendo *PERGUNTAS*. Um excelente exemplo disto é Mateus 5.46-47: "Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?" Não foi feita afirmação nem dado imperativo algum, e, ainda assim, a aplicação é clara. Acontece quase a mesma coisa em Mateus 6.27-30, exceto por serem encontrados traços de afirmação e imperativo. Nosso Senhor pergunta: "Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?"

Freqüentemente, nosso Senhor transmite a seus ouvintes enredos específicos nos quais estes podem se encontrar. Em outras palavras, Ele pinta quadros de situações concretas que eles provavelmente enfrentarão. Há muitos exemplos disto no Sermão do Monte, um dos quais lemos em Mateus 5.23-24: "Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta".

Aqui, como na maioria dos casos, não há afirmações ou perguntas. Mas uma vez que o enredo foi descrito, imperativos claros são dados. Nosso Senhor não se contenta em apenas ensinar teoria. Ele instrui seus ouvintes quanto ao que fazer em situações reais.

Em outro lugar nosso Senhor faz suas aplicações usando outros tipos de *LINGUAGEM FIGURADA*. Quem esquece frases como essas, onde as aplicações são tão fáceis de ver quanto os quadros pintados?

"Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte" (5.13-14).

"Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão" (7.3-5).

(3.2) *Diferentes Tipos de Aplicação*

Nosso Senhor não somente faz suas aplicações de formas diferentes, mas faz diferentes *tipos* de aplicação. O que isto significa? Alguns exemplos esclarecerão tudo.

Às vezes, Ele simplesmente refuta um erro e o rejeita abertamente: "Ouvistes que foi dito... Eu, porém, vos digo..." (5.21-22 etc.). Aqui nosso Senhor escolhe deliberadamente ir de encontro às opiniões defendidas. Ele esmaga a serpente que envenena a cabeça dos ouvintes. Oposição ao erro é um dever cristão e precisa ser refletida nas formas dos pregadores aplicarem a Palavra de Deus. Infelizmente, este tipo de aplicação está amplamente ausente dos púlpitos cristãos hoje em dia.

Acerca de diferentes *tipos* de aplicação, Mateus 6.1-18 é especialmente esclarecedor. Aqui nosso Senhor ensina sobre atos de caridade (6.1-4), oração (6.5-15) e sobre jejum (6.16-18).

Em cada um destes três ensinos existem três tipos de aplicações. Quanto aos atos de caridade, Ele diz aos seus ouvintes *o que fazer* — eles devem se comprometer com tais atividades. Ele lhes

diz *como fazer* — devem ofertar o mais secretamente que puderem. Então lhes diz *em que consiste o valor de agir* assim: "Doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste... que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (6.1,4).

Os mesmos três tipos de aplicação são vistos nos ensinamentos do nosso Senhor quanto à oração. Mais uma vez Ele fala aos seus ouvintes *o que fazer* — deveriam orar de acordo com certo padrão, enquanto cultivavam perdão a todos que os haviam ofendido. Ele fala *como orar* — em secreto e sem vãs repetições. Diz ainda *em que consiste o valor de agir* assim: "Teu Pai, que vê em secreto, te recompensará... o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais" (6.6,8).

Os ensinamentos do nosso Senhor sobre jejum seguem exatamente o mesmo padrão. Ele diz aos seus ouvintes *o que fazer* — jejum deve fazer parte da vida deles. Diz *como jejuar* — sem atrair atenção dos outros ao que estão fazendo e o mais secretamente possível. E como antes, Ele fala *em que consiste o valor de agir* assim: "E teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (6.18).

Como isto funciona na prática hoje em dia? O Sr. Silva preparou um sermão sobre a responsabilidade dos pais em criar seus filhos "na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6.4). No seu sermão ele diz aos pais *o que fazer* — eles devem iniciar e conduzir a adoração familiar. Esta é a aplicação que ele deixa ressoando em seus ouvidos.

Qual o efeito do sermão do Sr. Silva? O reavivamento da adoração familiar entre as famílias da igreja? Não. Na verdade o efeito é exatamente oposto. Os homens da igreja sentem-se desencorajados e humilhados. Eles sentem que o sermão os açoita e mostra suas falhas, mas não os ajuda a manter a adoração familiar em seus lares. Isto acontece porque a mensagem do Sr. Silva não lhes disse *como realizar* a adoração familiar. Ele não lhes deu pista alguma quanto à forma de fazer as coisas corretamente.

Felizmente o Sr. Silva percebe seu erro. No domingo seguinte ele prega no mesmo tema e dá uma multidão de dicas e ensinos práticos sobre como realizar a adoração familiar entre uma família que nunca fez isto antes. Este tipo de ensino, obviamente, não é dado com a mesma autoridade do material coberto por ele na semana anterior. A infalível Palavra de Deus que detalha o dever da oração

familiar não dita os detalhes práticos de como isto deve ser feito numa família em particular. O ensinamento do "como" do Sermão do Monte foi dado pelo infalível Filho de Deus. O Sr. Silva tem de expressar seu "como" em sugestões e bons conselhos. Mas o bom Sr. Silva está seguindo o exemplo de seu Senhor, e antes do que pensa, com as bênçãos do Senhor, será um prazer ver quase todos os pais em sua igreja tentando organizar adoração no lar.

Dentro de semanas, contudo, a maioria dos homens está perdendo o ânimo e a adoração familiar está perdendo a força. Visto que os pais agora sabem *o que fazer* e *como fazer*, por que eles não conseguem manter as coisas em andamento? O que é essa carência de determinação para prosseguir? Sua nova obediência trouxe-lhes novas dificuldades. Foram avisados de que isto aconteceria. Então por que eles estão desistindo?

Porque o Sr. Silva, que lhes disse *o que fazer* e *como fazer*, falhara completamente em dizer-lhes *porque a* adoração familiar vale a pena. Se o sermão tivesse dado esta parte do ensino, e os homens tivessem compreendido apropriadamente, nenhuma dificuldade os teria vencido. O problema deles é que suas mentes estavam mais cheias com sua obrigação de obedecer que com as bênçãos de tal obediência. Asnos que resistem à vara geralmente se rendem à cenoura. Os filhos de Deus certamente precisam de punição e bons conselhos, mas também precisam de abraços, alegria, presentes e festas. O Sr. Silva fez bem, mas não o suficiente. Ele não estava ministrando como o Mestre.

Como podemos evitar os erros do Sr. Silva? Aqui vai uma sugestão que muitos ministros, jovens e velhos têm considerado útil. Ao preparar o primeiro esboço de suas anotações, não disponha o papel na sua mesa da maneira normal. Vire-o 90 graus de forma que fique mais largo que alto (isto é, "paisagem" ao invés de "retrato"). Agora divida-o em três colunas de larguras iguais, rotuladas *Explicação-Ilustração-Aplicação*. Depois divida a terceira coluna em três subcolunas rotuladas, *O que fazer*, *Como fazer* e *Em que consiste o valor de tal proceder*.

Na coluna *Explicação*, escreva todos os pontos principais da mensagem. Na coluna *Ilustração*, escreva uma ilustração diante de cada verdade ensinada na primeira coluna. Nas três subdivisões da coluna *Aplicação*, exponha as aplicações apropriadas diante de cada verdade e ilustração contidas nas duas primeiras colunas. Como

regra geral, (mas não *absoluta*), não se afaste da mesa até que as três colunas estejam igualmente preenchidas. Este simples procedimento certamente o livrará do desequilíbrio do Sr. Silva e provavelmente transformará sua pregação. Será definitivamente um passo maior para frente, no que toca ao desenvolvimento de um estilo oral semelhante ao de Cristo.

(3.3) *Aplicação Distintiva*

Quando assumimos o púlpito para pregar, há muitos tipos diferentes de pessoas à nossa frente. Alguns são crentes e outros não. Dentre os crentes há pais e solteiros, adolescentes e crianças. Há empregados em escritórios, fábricas, estudantes e crianças iniciando na escola. Há aqueles que estão indo bem espiritualmente e aqueles que estão coxeando. Cada um tem suas próprias alegrias e tristezas, medos e preocupações. Aplicações gerais na pregação serão por via de regra úteis. O sermão tem poder especial, contudo, é mais eficiente quando é dirigido a grupos específicos; e é ainda mais tocante quando fala às pessoas num nível *pessoal*. Isto não significa que o pregador focaliza deliberadamente num tipo de pessoas em particular. Mas ele reconhece que cada um dos presentes precisa dizer a si mesmo que "havia algo para mim naquela mensagem".

Os incrédulos são igualmente diversos. Eles também têm experiências familiares diferentes e circunstâncias pessoais diferentes. Mas também há diferenças espirituais entre eles. Alguns estão buscando o Senhor seriamente e não estão longe do reino dos céus. Outros são ignorantes e confusos. Há ainda os apáticos, enquanto não poucos se opõem profundamente a tudo que vem da boca do pregador. Os pregadores não podem tratá-los como se fossem todos iguais. Ele deve praticar o discernimento.

Tal aplicação distintiva é uma característica do Sermão do Monte. Este contém muitas aplicações aos *crentes*; nosso Senhor lhes dá doutrina, repreensão, correção e educação na justiça (ver 2 Tm 3.16) e o uso destas quatro categorias fazem um estudo interessante. Ele também faz aplicações aos *incrédulos*. Resumindo, ele faz aplicações relevantes a *todos*, crentes e incrédulos do mesmo modo.

De fato, neste grande sermão, nosso Senhor Jesus Cristo isola vinte e dois tipos de pessoas em uma congregação!

Aqui estão elas:

A pessoa curiosa sobre onde a felicidade pode ser encontrada (5.1-11).
O crente perseguido (5.11-12).
O crente que não é diferente das pessoas ao seu redor (5.13-16).
O ouvinte que entende erroneamente (5.17-20)
O crente professo que está vivendo em tensão com outra pessoa (5.21-26).
O ouvinte que pensa ser pecado apenas algo externo (5.27-30).
A pessoa que está pensando em um divórcio feito às pressas (5.31-32)
A pessoa que usa juramentos para apoiar sua palavra (5.33-37).
Aquele que revida quando é lesado (5.38-42).
A pessoa que tem favoritos (5.43-48).
Quem quer que tenha religião farisaica (6.1-18).
O materialista (6.19-21).
Quem quer que não consiga ver as coisas claramente (6.22-23).
A pessoa dividida em sua lealdade (6.24).
A pessoa preocupada com a provisão divina (6.25-34).
O crítico (7.1-6).
Sr. ou Sra. Lento-para-Orar (7.7-11).
Quem quer que deseje saber o segredo de bons relacionamentos (7.12).
A pessoa que é tentada a ir, ou realmente vai, atrás da multidão (7.13-14).
Quem quer que forme seus julgamentos na base das aparências (7.15-20).
A pessoa enganada sobre como a religião verdadeira realmente é (7.21-23).
Aquele que ouve as palavras de Cristo, mas não age segundo elas (7.24-27).

Se observarmos esta lista, descobriremos que quase todas estas pessoas estão na congregação onde pregamos hoje. Nosso Senhor reconhece que elas estão lá e tem algo definitivo e específico para dizer a cada uma. Se isto não condiz comigo, devo retornar à pergunta que temos feito repetidamente: Eu estou realmente ministrando como o Mestre?

(3.4) *Encerrando com Aplicação*

Tendo empregado seu ensino todo o tempo, de forma que um terço de seu sermão é aplicativo, nosso Senhor encerra com este mesmo método. As aplicações têm sido muito diretas. Ele tem constantemente usado "Vós". De maneiras diferentes Nosso Senhor tem feito suas aplicações e as mesmas têm sido de tipos diferentes. Elas também têm sido distintivas, enquanto Ele dirigiu seus ensinos de modo a influenciar tipos diferentes de pessoas. Ao término, o sermão chega ao clímax no qual há insistência de um veredicto.

"Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína" (Mt 7.24-27).

Qual é o veredicto no qual nosso Senhor está insistindo? É como se Ele estivesse dizendo: "Você tem de *fazer* algo com o que ouviu. Ouça e obedeça; então, quando o momento decisivo chegar você estará seguro. Mas se você ouvir, e isto for *tudo* que você fizer, será arruinado!" E esta nota indispensável é o que cada congregação precisa ouvir sempre que um sermão termina.

Assim, nosso Senhor não era um pregador enfadonho. *Explicar-Ilustrar-Aplicar* era seu método. E será o nosso também se formos tão sérios em nossa pregação quanto Ele foi.

Somente quando absorvemos todos estes detalhes, lemos:

"Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava

como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28-29).

Autoridade! Esta é a última informação dada sobre este grande sermão. Mas algumas pessoas desejosas de ver a pregação se tornar mais interessante, querem que esta questão de autoridade seja o primeiro ponto a ser discutido. Por que isto acontece? Pode haver um número de razões, mas para muitos pastores o motivo é que não querem o simples trabalho duro, fora de moda, que é requerido para desenvolver uma oratória que constrange segundo o modelo do nosso Senhor.

É por esta razão que estes pastores cansam seus ouvintes ao abrirem a Palavra de Deus! Não pode haver muitos pecados maiores que esse — cansar as pessoas com a *Palavra de Deus!* E ouvimos estes ociosos murmurando: "Se realmente tivéssemos unção, não precisaríamos atentar para os aspectos técnicos da pregação nos quais este capítulo tem insistido repetidamente".

Gostaria que meus leitores soubessem que eu também não estou tão interessado nos "aspectos técnicos" da pregação. Sou um homem comum que quer pregar a Palavra de Deus do melhor modo que puder. Acontece, entretanto, que eu creio que nosso Senhor agia da maneira certa também nesta área; e quero ter uma oratória o mais semelhante possível à dEle. Você não quer?

Como você, eu sou uma criatura e um pecador. Sei que nunca posso ter autoridade igual àquela do Filho de Deus. Em mim mesmo não sou mais forte hoje do que no dia da minha conversão, e duvido que seja muito mais sábio também. Freqüentemente caio em pecado e sou repetidamente envergonhado pela minha própria tolice. Meu coração é afligido com orgulho, e também com um grande número de pecados que estou apenas começando a detestar como deveria. Neste mundo, e até mesmo no porvir, é impossível que viesse a ter autoridade como aquela do Filho de Deus.

Eu sei, contudo, que um pecador *pode* falar com uma certa autoridade enquanto expõe as Escrituras Sagradas. Esta autoridade não é dele mesmo, mas vem a ele por um Outro. Há uma forma e uma forma somente de ter tal autoridade. Ficar próximo Àquele que tem *toda* autoridade, receber minhas mensagens da parte dEle, pregá-las na presença dEle e ir me desculpar com Ele por tê-Lo representado tão mal.

Ao pregar as mensagens dEle, Ele me chama a *Explicar-Ilustrar-Aplicar*, como Ele mesmo fez, pois não era um pregador

enfadonho. Agir de outra forma seria representá-Lo mal. Minha incumbência é passar minha vida ministrando como o Mestre.



Nosso Senhor era um pregador evangelista.

Nosso Senhor, que não era um pregador enfadonho, era um pregador *evangelista*. Neste capítulo, olharemos um exemplo de sua pregação com este enfoque. Todo o foco do capítulo será em Mateus 11.20-30.

Antes de irmos adiante, entretanto, pode ser últil salientar que as palavras *evangélico* e *evangelista* não carregam o mesmo significado. Quando digo que sou *evangélico* estou me referindo ao que creio; eu creio que Deus fala na Bíblia, em toda parte da Bíblia, apenas na Bíblia e em nenhum outro lugar fora da Bíblia. *Evangélico* é uma palavra que se refere às minhas convicções pessoais.

Evangelista não se refere às minhas convicções pessoais, mas à minha prática. Explica o que eu faço com a Bíblia; eu prego a partir dela com vistas à conversão imediata de cada pessoa à minha frente. Enquanto prego, tenho uma foice na mão. Minha oração e meu alvo é colher uma safra do sermão que estou dando no momento.

Nosso Senhor era um pregador evangelista. A importância desta curta afirmação não deveria nos escapar. Todo cristão quer ser como nosso Senhor Jesus Cristo no que diz respeito ao seu viver.

Contudo, o homem que Cristo incumbiu de pregar quer algo mais que isto. Ele certamente quer ter uma vida em concordância com Cristo, mas também quer um ministério nestes termos. Se o seu Senhor era um pregador evangelista, então é assim que ele quer ser também.

Mateus 11.20-30 não nos diz tudo que pode ser dito sobre a pregação evangelística de nosso Senhor. É apenas um exemplo muito útil de tal pregação. Este texto nos dá uma idéia clara de como evangelizar, e seus ensinos podem ser resumidos sob os três tópicos:

APONTE O DEDO!
DOBRE O JOELHO!
ABRA OS BRAÇOS!

(1) *APONTE O DEDO*
(MT 11.20-24)

Em Mateus capítulo 11, nosso Senhor estava sendo muito firme. Em certo momento, entretanto, Ele se torna mais firme ainda. O capítulo sofre uma mudança no verso 20. A partir deste ponto, nosso Senhor esclarece que não mais se dirige a todos à sua frente. Há três grupos específicos de ouvintes aos quais Ele falará muito áspera e diretamente. Ele aponta para eles, enquanto ouvem os estrondos de suas afirmações.

(1.1) *APONTE O DEDO PARA GRUPOS ESPECÍFICOS DE PESSOAS*

Para entender quem são esses grupos de pessoas, temos de aprender primeiro um pouco de geografia. Se viajarmos ao norte, através do Mar da Galiléia, também conhecido como o Lago de Genesaré, chegamos ao norte de sua costa. Diretamente à nossa frente existe a embocadura de um rio e devemos decidir se seguiremos pela esquerda dele ou pela direita. Sigamos pela esquerda, e nos encontramos viajando rumo ao noroeste. Deixamos nosso barco para trás e logo começamos a escalar os montes. Aqui encontramos a Vila de Corazim. Trata-se de uma comunidade rural,

formada por pessoas comuns, que labutam um meio de vida numa pobre economia de subsistência. É desta vila que um grupo de pessoas — talvez um grupo relativamente grande — vem ouvir nosso Senhor. Ele os isola em sua mensagem e lhes fala abertamente. Vemos isto no verso 21.

Se, ao invés de irmos pela esquerda, fôssemos pela direita da embocadura do rio, ao leste, lá, no mais plano da costa, chegaríamos a Betsaida, a cidade de André e Pedro e também de Filipe. Betsaida, uma cidade pesqueira, é um pouco mais próspera que Corazim. É maior e mais movimentada. Um bom número de pessoas desta comunidade também veio para ouvir nosso Senhor pregar naquela ocasião. Essas também são selecionadas: "Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!" (verso 21).

Voltemos nossos passos um pouco e sigamos em direção ao oeste. Ao invés de adentrarmos em direção a Corazim, permaneçamos na costa do Mar da Galiléia e a exploremos no sentido anti-horário. Atravessamos a embocadura do rio, andamos apenas uns poucos quilômetros e descobrimos ter chegado a uma grande cidade. É a maior comunidade que já vimos até então e significa muito da vida da Galiléia. Soldados romanos e coletores de impostos percorrem as ruas tão visivelmente quanto a população local. Nossos ouvidos captam o aramaico da região e um tanto do grego. Há um ar de confiança sobre o lugar. Pessoas desta cidade vieram para ouvir nosso Senhor? Sim, elas vieram, como o verso 23 esclarece. Elas também são especificadas na pregação dEle. Na realidade, é bem possível que a pregação evangelística que estamos estudando tenha tomado lugar nas ruas ou subúrbios de Cafarnaum.

Três grupos de pessoas, então, são nomeados na pregação de nosso Senhor. Você consegue ver o que nosso Senhor está fazendo aqui? Ele está empenhado em "pregação distintiva aplicativa", como o pastor Al Martin costumava falar. Isto é algo que mencionamos no primeiro capítulo. Significa dirigir-se diretamente a grupos específicos no auditório, e é parte e quantidade da pregação evangelística. "Aponte o dedo" é uma expressão figurada, mas todo pregador deve entender que se trata de algo que *tem* de ser feito.

(1.2) *Aponte o Dedo para Pecados Específicos*

"Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras" (Mt 11.20-22).

O que está acontecendo aqui? Nosso Senhor está falando sobre uma visita ou sobre uma série de visitas que fizera a Corazim. Naquela ocasião, como Jesus fala em Corazim, há pessoas com visão perfeitamente boa, mas que eram incuravelmente cegas antes da chegada de Cristo naquele local. Há pessoas com audição perfeitamente boa — algumas das quais, talvez, estejam realmente ouvindo a mensagem dEle! — que eram incrivelmente surdas até sentirem seu toque curador. Mendigos que eram completamente aleijados, agora exercem uma profissão útil. E o que as pessoas de Corazim fizeram como resultado destes milagres gloriosos realizados pelo Filho de Deus? A maioria delas não fez absolutamente nada! As visitas do Deus encarnado à sua vila significou que alguns deles agora podem ver, ouvir ou caminhar, mas quase não houve mudança moral. Na vasta maioria de pessoas, não houve transformação radical de pensamento ou caráter. Não houve arrependimento, e o mesmo é verdade com os habitantes de Betsaida.

O que estas pessoas deveriam ter feito? Deveriam ter *admirado* as obras espantosas de Cristo. Deveriam ter percebido que Deus os visitara. Deveriam ter admitido que não mereciam tais bênçãos. Deveriam ter confessado o fato de que suas vidas estavam muito, muito distantes do que Deus queria que elas fossem. Deveriam ter começado a pensar sobre coisas espirituais. E agora seus corações deveriam estar doendo e gemendo por dentro, inexprimivelmente aflitos pela visão de seus pecados. Mas nada disso aconteceu. Apesar de tudo que houve, elas são exatamente as mesmas que eram antes de Cristo chegar até elas.

As afirmações de nosso Senhor nos versos 21 e 22 são incrivelmente diretas. Ele fala aos habitantes de Corazim e Betsaida que, se as poderosas obras feitas entre eles tivessem sido feitas em

Tiro e Sidom, elas já teriam se arrependido há muito tempo. Eles teriam tirado as roupas que costumavam usar e vestiriam roupas de sacos. Teriam colocado cinzas sobre a cabeça e teriam sofrido pelos seus pecados. Teriam chorado e chorado e chorado; e com todo seu coração teriam se disposto a buscar a Deus.

Tiro e Sidom não estão muito distantes das cidades que nosso Senhor menciona. Se viajarmos do Mar da Galiléia, e formos 25 quilômetros em direção ao noroeste, chegaremos a Tiro na costa mediterrânea. Se seguirmos a costa por 16 quilômetros em direção ao norte chegamos a Sidom. Estas cidades gentílicas são centros comerciais cosmopolitas. São prósperas, impiedosas e imorais. Mas o que teria acontecido se como resultado da visita de Jesus de Nazaré, elas tivessem testemunhado mendigos antes coxos, agora caminhando; pessoas cegas, vendo; homens e mulheres surdos, ouvindo; leprosos regozijando-se em suas curas; e pessoas mortas, repletas de vida? Elas teriam reconhecido que a visita de Jesus era a visita de Deus. Teriam se arrependido imediatamente. Que contraste seria com a reação dos habitantes de Corazim e Betsaida! Nada os transformou. Eles permaneceram exatamente como eram. Então, nosso Senhor está apontando o dedo a grupos específicos de pessoas; e está apontando para pecados específicos. Não há pecado maior que simplesmente *permanecer como se está!*

Mas isto não é o fim do que nosso Senhor tem a dizer sobre este assunto.

"Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo" (Mt 11.23-24).

Como os habitantes de Cafarnaum se sentiram quando ouviram nosso Senhor especificar Corazim e Betsaida? Mas agora seu dedo está apontado para eles. Aquele que habita na eternidade passou muito de seu tempo nesta cidade às margens do lago. Ele havia nascido em Belém e crescido em Nazaré, mas Cafarnaum era o centro de operações de seu ministério galileu. Ela goza de um privilégio que as outras cidades mencionadas nunca tiveram. Ela é exaltada ao céu. O universo é imenso, mas foi a este pequeno planeta que o Filho de Deus veio. Algumas cidades testemunharam seus anos secretos, mas é Cafarnaum que mais O vê no começo dos

anos públicos. O Criador de todas as coisas passou noites aqui. Andou pelas suas ruas, visitou seu comércio, parou para ver as crianças brincarem e falou com seus habitantes. Cafarnaum foi agraciada com a presença de Emanuel, "Deus Conosco".

Que eventos maravilhosos essas três comunidades testemunharam! Imagine um leproso sem esperança, banido para áreas desertas, tocado por Cristo e agora vivendo entre sua família e amigos. Imagine o desespero do mendigo aleijado que sabe que as coisas nunca mudarão e que certamente morrerá cedo, mas aqui ele está vivendo e trabalhando como qualquer outro homem, emocionado pela novidade de uma vida normal.

Imagine nascer cego, mas agora você vendo seus filhos pela primeira vez. Você perde o fôlego ao olhar as cores das flores, o roxo dos montes e as ondas azuis da Galiléia. O que o Filho de Deus fez é maravilhoso! Mas o que os habitantes de Cafarnaum fizeram?

Certa vez houve outra cidade às margens de um outro lago. Era uma cidade de egoísmo e ódio. Sua marca característica era luxúria e violência e estas eram expressas em estupro e sodomia agressiva. Não nos surpreendemos ao saber que Deus a destruiu, e que o fez de forma tão completa que ninguém sabe exatamente onde aquela cidade se encontrava. Mas o que teria acontecido, se o Filho de Deus tivesse andado em suas ruas e tivesse feito seus milagres *naquela cidade*? Todo o povo daquela cidade teria se arrependido há muito tempo. Não teria havido um momento de hesitação ou demora. Sodoma existiria hoje!

Mas Corazim, Betsaida e Cafarnaum apenas permaneceram como eram. O Senhor Jesus Cristo prega aos seus habitantes, mas eles não Lhe dão o que Ele procura. Ele está procurando por arrependimento, mas nenhum é visto. Para o Filho de Deus há algo mais terrível na rua que estupro. Há algo mais perverso que sodomia violenta. É o pecado de ouvir sua Palavra e permanecer inalterado. É por isso que Ele aponta para grupos específicos de pessoas, e este é o pecado específico ao qual Jesus aponta o mesmo dedo.

Ministrar como o Mestre significa fazer a mesma coisa. Significa identificar grupos de pessoas com as quais falar em termos claríssimos. Significa detalhar para eles o quão privilegiados são e quanto têm abusado destes privilégios. Significa expor a dureza de coração. Significa mostrar-lhes o horror de permanecerem impe-

nitentes e que não há pecado a ser comparado com este. Significa fazer isto de modo que não haja mal-entendidos.

Mas devemos ser muito cuidadosos. Falar de forma objetiva a alguém individualmente é algo que deveria ser feito em privacidade. É um abuso, lá do púlpito escolher uma pessoa em particular e dirigir-se a ela publicamente. Isto só serve para contrariá-la e tapar seus ouvidos para a verdade que estamos expondo. Precisamos aprender como falar alto à consciência de nossos ouvintes sem cair neste sério erro. Precisamos aprender como ser diretos em nossas pregações, sem desnecessariamente alienar homens e mulheres.

Deve estar claro para nós que a pregação evangelística não é fácil. Requer coragem moral e um falar franco. Exige que vejamos o pecado como Deus o vê, e não como a sociedade ou mesmo a igreja o vê. Embora não focalizemos em pessoas individualmente, a pregação evangelística nos chama a revelar provas específicas de falta de arrependimento em grupos específicos de pessoas. Não é trabalho para os melindrosos ou para os covardes, mas para aqueles que, em nome de Cristo, desejam ser confrontadores. Nenhum de nós, entretanto, é forte o suficiente para fazer isto. Não temos a força e não temos o desejo. Tudo que podemos fazer é reconhecer o que o Senhor requer de nós e confessarmos nossa fraqueza para Ele. Onde nosso senso de fraqueza é genuíno, nos descobrimos como fortes. Não podemos ministrar como o Mestre *sem* o Mestre!

(1.3) *Aponte o Dedo em Direção ao Dia do Julgamento*

É isto que nosso Senhor faz nos versos 22 e 24:

"E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras... Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo."

Este é o Dia do Julgamento, o dia quando todos os homens, mulheres e anjos aparecem diante do Filho de Deus. Aqui estão os habitantes de Tiro e Sidom. Sem excessão, eles são materialistas; têm vivido sem a Palavra de Deus, ela nunca foi pregada em suas ruas. Eles têm vivido sem a presença do Filho de Deus; Ele nunca

andou naquelas ruas. Eles têm ganho a vida com o comércio, e se entregado à busca das coisas boas da vida, assim como à imoralidade. A única religião que eles conheceram é inteiramente pagã. Como se sairão agora que este horripilante Dia de Juízo chegou?

O Filho de Deus considera o comportamento deles indesculpável. Por quê? Por toda sua vida eles souberam que o julgamento estava vindo. Sua consciência anunciava-lhes isto todos os dias, mas eles não ouviram. Viveram como se não fosse verdade.

Isto não é tudo que sua consciência lhes disse. Ela proclamava uma mensagem que era confirmada todos os dias pelo céu acima de suas cabeças, pela grama sob seus pés, e pelas obras da natureza que os cercava. Somente o olhar para sua própria mão — feita por modo assombrosamente maravilhoso (Sl 139.14) — poderia ter lhes dito a mesma mensagem: Deus *é*; Ele é eterno; Ele é grandioso; e somos responsáveis diante dEle pela vida que levamos.

A cada dia os habitantes de Tiro e Sidom tiveram luz suficiente para convencê-los de que deveriam buscar a Deus. Mas não o fizeram. Então, agora devem se apresentar diante do Senhor para ouvir a sua justa punição, porque pecaram contra a luz que receberam.

Também presentes neste terrível Dia de Juízo estarão os habitantes de Corazim e Betsaida. Sua punição não será como a dada aos habitantes de Tiro e Sidom; ao menos é nisto que eles acreditam. Neste ponto estão tanto certos quanto errados, não estão? É verdade que sua punição não será como a pronunciada a Tiro e Sidom; *será muito pior!*

Por quê? Porque eles receberam uma luz mais grandiosa, *muito* mais grandiosa. Coisas maravilhosas aconteceram em Corazim e Betsaida. Os habitantes não foram expostos meramente à beleza da criação ao seu redor e à luz de sua própria consciência. O Filho de Deus os visitou. Ele ensinou em suas ruas, as quais contemplaram pessoas arruinadas em sua visão, audição, pele e movimentos até que nosso Senhor foi misericordioso com elas. Os habitantes destas duas cidades viram uma luz gloriosa que de longe sobrepujava qualquer coisa jamais testemunhada por Tiro e Sidom.

Todas as pessoas pecam contra a luz que receberam. O que acontece, então, àquelas que receberam uma luz maior, e ainda pecam contra ela? Ao vir a fim de serem julgadas, elas recebem

uma punição bem pior. Jesus diz assim: "E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras" (Mt 11.22).

O julgamento é mais terrível para alguns homens e mulheres que para outros. Nem todos recebem a mesma punição; é muito pior para uns que para outros. Todas as transgressões da santa lei de Deus *não* são igualmente sérias. Pecar contra a luz é terrível, pecar contra uma luz maior e mais clara é mais terrível ainda.

Também presentes neste Julgamento Final estão os homens e mulheres de Cafarnaum. Eles têm uma sinagoga em sua cidade; na verdade têm muitas. Eles têm as Escrituras, e estes oráculos divinos são lidos publicamente todos os dias da semana. Estas mesmas Escrituras são a base na qual é construído não só seu sistema educacional, mas também toda a sua cultura. Entretanto, mais que tudo isto, eles tiveram o Filho de Deus vivendo e ministrando entre eles, às vezes por longos períodos. Quão privilegiados eles são!

Enquanto os habitantes de Cafarnaum observam os procedimentos, vêem os homens de Sodoma entrarem. Como esperavam, os sodomitas recebem uma punição indescritivelmente terrível. Afinal de contas, homossexualismo não é como outros pecados; é um pecado contra a natureza. O que poderia ser pior que uma repetida, desenfreada, agressiva e violenta sodomia? Quão agudos, então, são os gritos do povo de Cafarnaum, quando descobrem que sua punição será ainda maior! A culpa dos sodomitas sem luz não é nem de perto tão grande quanto a daqueles espiritualmente privilegiados que não fazem nada com a luz que receberam.

Quem, quem são os piores pecadores? São os homens, mulheres, jovens e crianças que regularmente escutam a Bíblia ser pregada, mas permanecem sem arrependimento. Semana após semana... semana após semana... Cristo lhes é proclamado, conforme as Escrituras. Mas eles escolhem não mudar. Eles são, simplesmente, indiferentes. Permanecem com estão, e é assim que querem ser. Não há maior pecado que este em todo o universo. Nunca devemos permitir que nossos ouvintes tenham qualquer impressão diferente desta.

A fim de ministrar como o Mestre, somos chamados a apontar para diferentes grupos de pessoas, pecados específicos e o Dia do Julgamento. Aponte o dedo!

(2) *Dobre o Joelho*
(Mt 11.25-27)

Conforme continuamos em Mateus capítulo 11, agora consideraremos os versos 25-27. Esta seção começa dizendo: "Por aquele tempo..." Isto nos ensina que devemos não apenas apontar nosso dedo; devemos também dobrar o joelho.

Como o Filho de Deus reage a toda a indiferença que tem de enfrentar? Indiferença é algo muito duro com a qual lidar. Como pregador tenho visto pessoas gritarem "não!" durante meus sermões, ou deliberadamente interromperem os cultos de outras formas. Tenho visto pessoas balançarem a cabeça à vista de todos. Algumas ficam impacientes, passam bilhetes umas para as outras ou expressam sua raiva saindo ruidosamente. Às vezes, sou insultado na saída da igreja ou, mais tarde, pelo telefone. Tudo isto tem sido difícil de suportar, mas não tem me levado a concluir que as pessoas envolvidas são indiferentes! E onde as pessoas não são indiferentes, eu sempre sinto que há esperança para elas. Afinal de contas, a Palavra de Deus está tendo *algum* efeito sobre elas.

Indiferença é o que às vezes quebra o espírito de um pregador. Os ouvintes chegam e se instalam tal qual sacos de batatas. Eles permanecem imóveis e sem expressão enquanto você ora, prega, suplica e lamenta. Você anseia para que Deus lide com eles, mas nada acontece. Até sacos de batatas às vezes brotam, mas com tais pessoas nem este movimento existe, exceto pelo fato de que elas dão conta de deixar o prédio ao fim do culto. É muito, muito difícil.

Como o Filho de Deus reage à indiferença? Como Ele responde à rejeição? Ele é quem Ele é, mas seus ouvintes não têm olhos para ver isto. É óbvio quem Ele é, mas eles não reconhecem. Tudo está gritando: "*Deus* está entre vocês, *Emanuel* chegou!" Mas ninguém mostra uma centelha de interesse. Como Ele reage?

"Por aquele tempo, exclamou Jesus..." É isto o que o texto original diz; então, *a quem* Ele está falando? Isto se torna claro na oração que se segue. Nosso Senhor Jesus Cristo está sempre em comunhão com seu Pai. Eles estão engajados em constante comunicação um com o outro. Jesus não é menos Deus na terra do que antes de ter vindo. Ele tomou para si mesmo uma natureza

humana, mas não cessou de ser tudo o que foi por toda a eternidade. Enfrentando a indiferença humana, Ele fala com seu Pai sobre isto. Naquela situação, não literalmente mas metaforicamente, Ele dobra o joelho e ora. Você e eu devemos fazer o mesmo, e a passagem nos diz o motivo.

(2.1) *Porque Deus é Deus, Ele Manda! (verso 25)*

"Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11.25).

Quando você ora como nunca orou antes, prega como sempre quis pregar, chora na frente de seu povo, por que razão muitos deles permanecem indiferentes? Quando você prova que o evangelho é obviamente verdadeiro, e responde todas as objeções deles, por que ainda rejeitam? E quando você louva o Senhor Jesus Cristo e, humanamente falando, sente que não poderia ter exibido a glória dEle melhor do que já tenha feito, por que eles permanecem como estão?

É por causa do seu coração morto, perverso, petrificado. Eles são inimigos de Deus, como eu era. Eles são assim porque *querem* ser assim, como eu também queria. Eles não *querem* mudar. Eles estão perfeitamente contentes em permanecer como são. São completa e pessoalmente responsáveis por serem assim. Mas não consigo esquecer que eu era assim também.

Ao dizermos isto, temos falado a verdade, mas não *toda* a verdade. Olhe mais uma vez o verso 25. Há um Deus que é Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o Senhor do céu e da terra. Há algum lugar em todo universo que não possa ser descrito como estando no céu ou na terra? Isto significa que Deus manda em todos os lugares; ou, para dizer de outra forma, não há lugar onde Ele não mande. É ensinado no verso 25 que este Deus soberano tanto se esconde como se revela. Ilustrando, vamos imaginar Davi e João, que são dois irmãos. Eles tiveram a mesma criação, têm os mesmos privilégios, freqüentam a mesma igreja e ouvem o mesmo pregador. De fato, eles sentam um ao lado do outro, durante os dois cultos do domingo.

Enquanto escutam você pregar, um dia, de repente, Davi diz

"eu entendo"; mas João permanece o mesmo. Ao seu lado ele vê Davi que está literalmente vibrando por agora poder ver o que nunca vira antes. Enquanto voltam para casa, João não está diferente do que sempre foi, mas o coração de Davi está dançando. O hino de encerramento foi: "Senhor, eu estava cego, eu não podia ver", e quase levou Davi a um êxtase. Algo aconteceu a ele. A explicação não reside na mensagem, pois você apenas pregou as verdades já ditas mil vezes antes. Nem o culto foi diferente do normal; os hinos que você escolheu hoje têm sido cantados por ambos desde a infância. O que aconteceu foi que uma mão invisível, mas terna, tirou as escamas dos olhos de Davi. O próprio Davi é o primeiro a reconhecer isto. Seu próprio coração arde em deleite, porque ele descobre que Deus se mostra; Ele se revela.

Então, por que João permanece como está? É porque Deus também encobre? De fato, Ele encobre. Nosso Senhor nos diz aqui que Deus oculta estas coisas gloriosas dos "sábios e instruídos". Por dizerem "eu vejo" as pessoas não podem ver, por dizerem "eu entendo" não têm entendimento. Enquanto se considerarem capazes de fazer um ou outro não poderão fazer ambos. Somente quando dizem "não vejo e não entendo" a luz pode ser penetrante. Deus não se revela a pessoas que pensam saberem, Ele só se relaciona com "bebês".

O que devemos aprender de tudo isto? Deus está trabalhando em toda parte; mais ainda, Deus está trabalhando em toda parte, o tempo todo. Ele está trabalhando todas as vezes que o evangelho é pregado, realizando seu decreto eterno. Ele tem um plano que não depende de qualquer anjo, de você, ou de mim. É um plano que brota de seu próprio coração e cujo interesse está em sua glória eterna. É um plano que está sendo trabalhado a cada momento, em cada evento. Não há uma criatura em qualquer parte que não esteja inteiramente sob o controle de Deus. O cair de uma folha é decidido no céu. Assim se dá o movimento de uma larva, a formação da geada e a vinda da chuva. A Bíblia é muito clara sobre isto; tudo, em todo tempo está realizando o que Deus decidiu desde a eternidade. Não há engrenagens comuns em seu relógio, Ele mesmo move os ponteiros.

Posso usar uma ilustração bem imperfeita? É imperfeita porque sugere uma idéia de controle que não é paralela à forma como Deus controla os pecadores, mas talvez alguns leitores a considerem

útil. Imagine uma formiga correndo na página que você está lendo. Ela vai para a direita, vai para a esquerda, diminui a velocidade, aumenta a velocidade ou pára — ela faz exatamente o que a agrada. Agora trace uma linha imaginária na superfície da mobília mais próxima. Se quiser, você pode fazer a formiga seguir aquela linha precisamente. Como ela corre por todos os lados da página, tudo que você tem a fazer é segurar o livro sobre a linha e manobrá-lo apropriadamente. Com um pouco de prática você pode fazer o inseto ir exatamente aonde você deseja que ele vá, embora ele esteja correndo por onde quer! Você é soberano mas a formiga está exercendo uma escolha real.

Isto não é muito difícil porque há uma só formiga no papel e ela não está interagindo com outras formigas. Fica mais difícil quando você tenta manobrar duas formigas em pedaços de papel separados ou duas formigas no mesmo papel! A glória do universo está em que não só as formigas, mas todas as criaturas em toda parte, bem como todos os corpos celestes e as menores partículas de cada átomo estão todos sendo direcionados pela Mão Invisível. Deus exercita soberania completa, mesmo onde suas criaturas estão fazendo escolhas reais e desembaraçadas. Ele faz com suas criaturas o que Lhe apraz.

Isto continua a ser verdade quando sua Palavra pregada está sendo rejeitada; é isto que nosso Senhor esclarece nesta passagem. Então, quando as pessoas permanecem indiferentes à sua mensagem, Ele pode procurar seu Pai e dizer "eu Te agradeço". Ministrar como o Mestre significa dobrar o joelho como Ele fez. Deus é Deus: Ele faz o que Lhe apraz. Jesus é agradecido por isto.

(2.2) *Porque Deus é Deus, Ele Não Explica!* *(verso 26)*

"Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Mt 11.26).

Por que Deus não deixa cada homem, mulher, menino e menina perecerem e não salva *nenhum* de nós? Afinal de contas, não é o que todos nós merecemos? Então por que Ele não deixa cada um de nós seguirmos nosso merecido destino? Ele não explica!

Vendo que Deus tem poder para salvar a todos — e Ele tem! — Por que Ele não salva cada membro da raça humana? Por que

Ele não leva cada um de nós para o céu? Ele não explica!

Por que, então, Deus salva alguns e outros não? Em regra geral, por que Ele esconde o evangelho de pessoas que podem ver tão claramente em muitas outras áreas, enquanto se revela a pessoas que aos olhos do mundo não valem muito? Dobre os joelhos pois Deus é Deus e Ele não explica!

Defrontado com estes mistérios, você deve escolher fazer uma coisa entre duas. A primeira é passar toda a sua vida tentando achar resposta para todas estas perguntas. O problema é que você nunca será bem-sucedido. Só Deus entende Deus. Somente Ele entende quem Ele é, o que Ele está fazendo e por que o está fazendo. Tentar entender o que somente Deus entende é uma rota tola a se escolher. Só pode conduzir a frustração, aborrecimento e incessante dor de cabeça.

A outra coisa que você deve fazer — e esta é a *única* alternativa — é dobrar os joelhos e se submeter às suas regras no culto incondicional e adorador. Deus é bom; conseqüentemente se Ele escolhe alguns e outros não, isto deve ser bom. Deus é justo, conseqüentemente se Ele resgata alguns e deixa que outros pereçam, isto deve ser justo. Deus é sábio, conseqüentemente se Ele é capaz de salvar todos mas salva somente alguns, isto deve ser sábio. Deus, por definição, é santo, terno e inteiramente justo; assim, tudo que Ele faz também deve ter estas características.

Se você for ministrar como o Mestre, deve olhar o mistério de frente e, então, sussurrar reverentemente: "Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado". Filosofia humana não alimenta tal espírito. Questionamentos impacientes não dão a luz à submissão piedosa. Dobre os joelhos!

(2.3) *Porque Deus é Deus, Ele Não Pode Ser Explicado!* *(verso 27)*

"Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11.27).

Alguém na terra entende este verso — *realmente* entende? Quem pode compreender totalmente o que está sendo dito aqui — que tudo que Deus faz, Ele o faz através de Cristo; que apenas o

Pai conhece o Filho e, apenas o Filho conhece o Pai; que Ele, a quem ninguém conhece *pode* ser conhecido, se o Filho o desejar revelar?

Todas estas coisas o Senhor Jesus afirma. Ele nos diz a verdade, porém nem mesmo tenta explicar *como* esta mesma verdade pode acontecer. Seguir o caminho do Mestre significa fazer algo semelhante; significa afirmar a verdade sem tentar entender como pode ela ser assim. Significa que podemos contar aos outros o que a Bíblia diz, sem nos sentirmos compelidos a formular como o que afirmamos pode ser daquela forma.

Um dos fatores que através dos anos tem sido usado para me manter acreditando é o que a Bíblia ensina sobre Deus. A doutrina bíblica de Deus é tão bonita que, nas palavras de C. S. Lewis, "seria impossível inventá-la". Ela é tão cheia de equilíbrio, ordem, boas distinções, complexidade, pensamentos inconcebíveis, profundidade e uma maravilha tal que somente poderia ter sido revelada.

Para seguir o caminho do Mestre, você tem de admirar o mistério, não entendê-lo; tem de adorar o mistério, sem se perder em especulação e filosofia. Tal caminho também é um mistério a ser proclamado, mas ao fazê-lo nunca tente explicá-lo. Deus é Deus. Você é um homem ou uma mulher e isto é tudo que sempre será. Então, dobre os joelhos!

Como um pregador evangelista, olhe os homens e as mulheres nos olhos e aponte o dedo. Olhe para eles na presença de Deus e dobre os joelhos. Mas o exemplo de nosso Senhor, nesta passagem, nos ensina que há uma terceira coisa a fazer...

(3) *Abra os Braços*
(Mt 11.28-30)

Ó, "a bondade e a severidade de Deus"! (Rm 11.22). Ó, a severidade e a bondade de Deus! Você já ouviu palavras mais firmes que aquelas nos versos 20-24? ("aponte o dedo!")? Você já ouviu palavras mais reverentes que aquelas nos versos 25-27 ("dobre os joelhos!")? Já ouviu palavras mais gentis do que aquelas que olharemos agora, versos 28-30?

É a firmeza de Deus que me estimula a escrever: "Admoeste!". É a glória de Deus que me estimula a escrever: "Dobre os joelhos!". E, é a grande bondade e graça de Deus, sua ternura transparente que agora me estimula a escrever: "Abra os braços!"

(3.1) *Abra os Braços — Convide!*

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28).

Quem é Convidado?

Esta é uma pergunta crucial, não é verdade? Uma vez, em Liverpool, um homem que estava visitando nossa igreja me reprovou severamente pela franqueza da minha pregação do evangelho. Ele não acreditava ser possível que alguém fiel às Escrituras oferecesse o evangelho tão livremente como eu fiz durante o sermão. Replicando, eu lhe perguntei o que ele teria a dizer aos não-convertidos. A resposta dele foi citar este verso, o qual ele explicou desta forma: "Bem, eu dou aos não-convertidos a lei. Depois eu tento mostrar-lhes a glória de Cristo. Então, quando eles tomaram algum senso de vergonha e alguma compreensão de sua necessidade, quando sentem o peso de seu fardo e mostram algum quebrantamento eu lhes digo: O Filho de Deus diz: 'Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei'".

Eu dou as costas a este tipo de conversa e sinceramente espero que você faça o mesmo. Por quê? Porque o Filho de Deus *não* diz: "Vinde a mim todos vós que estais conscientes dos sofrimentos, e todos vós que tendes um senso de quebrantamento e conseqüentemente estais pessoalmente cônscios de quão pesadamente sois carregados".

Todos os homens e mulheres estão cansados e sobrecarregados. Uma das perguntas do Breve Catecismo de Westminster dá um resumo exato do ensino da Bíblia neste ponto:

P. Qual é a miséria do estado em que o homem caiu?

R. Todo o gênero humano, pela sua queda, perdeu a comunhão com Deus, está debaixo da sua ira e maldição, e assim sujeito a todas as misérias nesta vida, à própria morte e às penas do inferno para sempre.

Que fardo terrível os não-convertidos estão carregando! Eles não apreciam a Deus e não conhecem nada de seu conforto. Eles O têm como seu inimigo ao invés de amigo. Eles passam por dor, doença, desemprego, preocupação, perda e tudo o mais que entristece o coração humano sem qualquer alívio do céu.

Eles não podem escapar do pensamento da morte e seu espectro se torna maior, mais negro e mais horripilante conforme os anos passam. A consciência deles lhes diz que estão condenados e que muito breve entenderão a total realidade do que estar condenado significa. Tudo isto é uma carga muito pesada para qualquer ser humano carregar, entretanto, não podem livrar-se dela. Parte de seu terrível pecado é que eles não reconhecem quão esmagador é o seu fardo.

Jesus Cristo convida a todos que estão sob o peso de um fardo esmagador para vir até Ele. Isto, francamente, significa todas as pessoas. Mas lembremos ter sido Ele o que acabou de falar em eleição! Apenas alguns segundos atrás, Ele estava falando com seu Pai sobre ocultar e revelar. Mas agora está abrindo os braços e dizendo a todos no mundo: "Vinde a mim"!

Os homens e mulheres de Corazim ainda estão na multidão que escuta. Ouviram sua pregação e sua oração. Também os habitantes de Betsaida ainda estão lá; assim como as pessoas de Cafarnaum, as quais Ele rotulou como pecadores piores que os homens de Sodoma. Não há *alguém* que Ele não convide! Ele convida a *todos!* E se você quer ministrar como o Mestre, seu convite para vir a Cristo deve ser igualmente amplo. Deve ser igualmente livre, desembaraçado, desinibido, sem restrição e *universal.* Se não for assim, você e seu Mestre terão se separado. Então, abra os braços — Convide!

O Que é Convidar?

Convidar não é ficar longe, manter distância, mas se aproximar. O convite não é para vir ao cristianismo, nem para participar de alguma igreja ou de suas atividades, mas para vir a Cristo!

Eu não sou ingênuo o bastante para pensar que cada leitor deste livro é cristão, e espero que o mesmo seja verdade com você. Eu gostaria que você soubesse que o Senhor Jesus Cristo, pelo seu Espírito, ainda fala ao seu coração através de sua Palavra, e que

Ele está falando enquanto você lê estas páginas. Seu pecado pode ser pior que o grande pecado das pessoas de Corazim, Betsaida e Cafarnaum. Pode ser que você tenha não somente a Bíblia e uma grande herança cristã, mas também que tenha sido pregador do evangelho por algum tempo. Seu problema é que o cristianismo é somente algo que você absorveu; ele nunca, realmente, se tornou *parte* de você. Tem proclamado a Cristo mas na verdade, nunca se encerrou nEle. É uma coisa pavorosa para mim ter de lembrá-lo que é possível ser um ministro do evangelho e ainda assim não-convertido.

Eu gostaria que você soubesse que não precisa ficar longe de Cristo nem por mais um momento. Ele o convida a chegar-se a Ele *como você é*, com toda sua falha e pecado. Se Ele convidou os homens e mulheres de Cafarnaum que eram pecadores piores que os sodomitas, você pode estar certo de que Ele convida *você*. Ele está lhe dizendo para não ficar longe nem mais um segundo. Está lhe dizendo para vir a Ele.

Os caminhos de Deus não são os nossos. Seu plano pode ser que você leia este livro e seja convertido durante a leitura desta página. Você não será o primeiro pregador do evangelho na história a ser salvo desta forma e provavelmente não será o último. Este será o dia em que tudo muda e você começa a conhecer o poder da mensagem do evangelho por experiência própria!

E você tem de vir. Você não ousa ficar longe, certamente. Ninguém mais, exceto Cristo tem as palavras de vida eterna — talvez você tenha dito isto a outros por anos, mas em seu próprio coração nada sabe do que significam as palavras de vida eterna. Você não tem de fechar o livro e não tem de derramar uma lágrima; pode clamar ao Senhor e ser salvo, sabendo que aquele que o busca não será envergonhado. Este é o evangelho que pregamos, aberto, livre, sem restrições, gentil e terno assim.

Nosso Senhor diz no verso 29 que aqueles que O estão ouvindo devem colocar sobre si outro jugo. Devem ter um novo Senhor. Devem ser possuídos por outro. Devem se submeter a uma nova regra. Devem trilhar um novo caminho. E neste livro estou apelando a todos vocês que são pregadores do evangelho a manterem seu convite tão aberto quanto o de Cristo. Não convide para si mesmo. Calorosamente convide-os a se submeterem às regras de Cristo, sob sua salvação e senhorio, seu jugo, direção, domínio e *posse*.

"Abra os braços — Convide!" É o que a passagem diz. Mas não é tudo...

(3.2) *Abra os Braços — Prometa!*

" Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11.29-30).

Prometa! Prometa a homens, mulheres e crianças que se eles *realmente* vierem a Cristo, Ele lhes dará descanso. Prometa-lhes que se eles vierem, o descanso que receberão estará em sua *alma* — no mais fundo do coração, na estrutura mais íntima de seu ser. Prometa-lhes que se desejarem se submeter à norma e domínio dEle, o descanso que lhes dará não será raso ou superficial, mas permanente. Prometa-lhes que tal descanso pode ser deles agora, sem demora, sem espera e sem qualquer condição adicional.

"Descanso"! Que palavra maravilhosa esta é. O fardo que não-convertidos estão carregando é esmagador, mas eles não precisam carregá-lo por nenhum instante a mais. Qualquer um que ouve o evangelho pode entrar no descanso prometido *agora*, enquanto a Palavra está sendo pregada. Eles podem ser libertos dos terrores de Deus e da lei imediatamente. Eles podem, num momento, serem considerados tão santos como Deus — esta é a extraordinária verdade da justificação. Eles podem entrar de uma vez no mais elevado privilégio que o evangelho oferece, que é a adoção. Podem se tornar filhos de Deus! Ali mesmo, instantaneamente, eles podem ter toda a sua natureza mudada pelo Espírito de Deus que habita neles. Podem ser inseridos no caminho de crescimento vitalício e cotidiano da santidade. Isto é santificação.

É isto que podemos prometer em nome de Cristo a todos que se arrependem e crêem. O convite do evangelho é maravilhosamente inefável. Precisamos exibir diante de nossos ouvintes tudo o que será deles, se vierem a Cristo.

Podem descobrir que Deus os ama pessoalmente. Podem ter, finalmente, paz ao invés de consciência atribulada. Eles podem ter a veemente alegria interior que é parte do fruto do Espírito, e que não depende de circunstâncias externas. Podem iniciar uma vida

espiritual que pela graça de Deus, se tornará progressivamente forte e que nunca esmorecerá. Eles podem saber que passarão para a santidade perfeita e perpétua glória no momento exato em que morrerem. Podem estar certos de que seu corpo será ressuscitado, a fim de ser como o glorioso corpo de Cristo. Podem estar certos de que serão absolvidos no Julgamento Final. Podem desfrutar o conforto vitorioso de saber que seu futuro lar é glória, onde não haverá nada além de felicidade; nada além de santidade.

Tudo isto o pregador do evangelho pode prometer àqueles que virão a Cristo! São "preciosas e mui grandes promessas" (2 Pe 1.4). Então prossiga, prometa! Livre-se de tudo que o prende e prometa tudo o que Cristo promete. Além do mais, é a palavra dEle que você está pregando e não a sua própria. Você apenas é seu embaixador. Mas não será um embaixador fiel, se o que promete é menos generoso e emocionante que o prometido por Ele. Contudo há mais uma coisa que você precisa fazer...

(3.3) *Abra os Braços — Explique!*

"Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11.30).

Ele é Gentil e Humilde de Coração

Em algum momento nosso Senhor é rude com o pecador que retorna? É áspero ou rejeita homens e mulheres contritos? O Filho de Deus é orgulhoso ou arrogante com as pessoas que sentem sua grande necessidade? É condescendente com aqueles que estão dominados por um sentimento de fracasso? É indelicado? Ele olha para a pessoa aflita por seus erros e diz: "Eu te disse"? Recusa alguém? Manda alguém embora? E se a resposta a todas estas perguntas é "não", não deveria isto ser explicado ao pecador que O busca?

Seu Jugo é Suave e Seu Fardo é Leve

Pensemos novamente sobre o peso esmagador que todos os não-convertidos estão carregando neste momento. Lembremos que eles não têm de carregá-lo por nenhum momento a mais. Quão

diferente é o jugo que Cristo coloca sobre seu povo! Quão diferente é o fardo que Ele requer que carreguem!

Nunca devemos depreciar os sofrimentos da vida cristã. Nosso Senhor mesmo ensina que ninguém deve pensar em se tornar seu discípulo, sem primeiro considerar o preço. Entretanto, embora os cristãos trilhem uma estrada estreita, nunca têm de percorrê-la sozinhos. As dificuldades que eles encontram são reais e geralmente magoam, mas o jugo que os crentes carregam não está apenas nos seus ombros, pois Cristo carrega a parte mais pesada. Cristãos também derramam lágrimas e elas são tão salgadas quanto as de outras pessoas; mas há um lugar secreto para onde eles sempre podem ir a fim de serem consolados. Tornando-nos crentes, a maioria de nós perdeu um número de amigos, mas nos regozijamos com o fato de que nunca vivemos um dia sem a amizade do Salvador. Não há coisa alguma em toda a criação que possa nos separar do amor de Deus que está em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Por favor, diga isto tudo ao pecador; ele precisa saber. Ele precisa entender o evangelho. Ele precisa ter certeza de que o convite de Cristo se estende a ele pessoalmente. Ele precisa ouvir quão gentil, quão amável o Salvador é. Precisa ser dito que Cristo não o aliviará de seu fardo antigo, somente para esmagá-lo com um novo. Então quando você abrir os braços e prometer, não esqueça de explicar isto.

Este capítulo, assim como todo este curto livro, foi escrito especialmente com o pensamento nos pregadores. Qual será sua reação a ele? Você agora ministrará como o Mestre e se tornará um pregador evangelista? Você O representará não apenas com o que fala, mas com a *forma* de falar? Enquanto prega, você *apontará o dedo* e será o homem mais severo que seus ouvintes já conheceram? Você *dobrará os joelhos* e será o maior adorador que eles já conheceram? *Abrirá os braços* e será o homem mais gentil e mais convidativo que eles já encontraram?

"Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas" (2 Tm 2.7).



Nosso Senhor não era apenas um pregador.

Nosso assunto é "Ministrando Como o Mestre". Não estamos vendo este assunto em profundidade nem o explorando em sua amplitude; estamos simplesmente dando três mergulhos nos evangelhos. Nosso primeiro estudo mostrou que nosso Senhor não era um pregador enfadonho. Nosso segundo estudo salientou que Ele era um pregador evangelista. Descobriremos agora que Ele não era *apenas* um pregador. Isto pode ser visto claramente na leitura do primeiro capítulo do Evangelho de Marcos.

Qual o propósito daquele capítulo? Ele registra o início do ministério público do nosso Senhor e, se preferir, um dia típico em tal ministério. Uma das coisas que o capítulo enfatiza é que nosso Senhor era, verdadeiramente, um pregador. Isto é exposto nos seguintes versos:

"Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho" (Mc 1.14-15).

"Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga" (verso 21).

"Jesus, porém, lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoa-

ções vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim. Então, foi por toda a Galiléia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios" (Mc 1.38-39).

Então, naquele capítulo, nosso Senhor é um pregador. Mas pregar não é a única coisa em sua vida. Vejamos agora o que mais Ele faz.

(1) *Ele se Identifica com os Pecadores* *(Mc 1.9-11)*

O batismo de João Batista era um batismo de arrependimento, e era para *pecadores* (vv. 4-5). Marcos nos diz no primeiro verso de seu evangelho que Jesus é o Filho de Deus. No verso 3, diz que Ele é o prometido Jeová ("SENHOR") que virá ao mundo. No verso 7, declara que Ele é mais poderoso que todos e que é digno de toda adoração. No verso 8, revela ser Ele o que batizaria com o Espírito Santo. Então, nos versos 9-11, Marcos nos mostra que é este mesmo Jesus Cristo que recebe o batismo planejado para pecadores. Ele é puro, é imaculado. Mas é lavado como se estivesse sujo!

Por trinta anos Ele tem vivido entre pecadores. Agora chegou o momento em que acabaria com a obscuridade e começaria o seu ministério público. Isto se dá de uma forma que salienta *não* ser Ele um pecador. Os céus se abrem, o Espírito Santo vem sobre Ele, e a voz do Pai proclama: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (verso 11). O próprio Deus torna conhecido que este homem é seu Filho e não é um pecador, mas Ele o faz enquanto seu Filho recebe um batismo planejado para pecadores! Então, nosso Senhor, logo no início de seu ministério se identifica com pecadores, da mesma forma que mais tarde se identificaria com eles na cruz; pois a cruz, como o batismo de João, é somente para pecadores.

Quantas vezes você já testemunhou a seguinte situação? João Ninguém de origem humilde veio do anonimato, a fim de se preparar para o ministério. Quando seu período de estudo termina, ele é devidamente ordenado e começa seu primeiro pastorado. Neste momento, uma grande mudança lhe sobrevém. João Ninguém, que veio de Cantão, na Terra do Nada, começa a agir como se fosse membro de uma casta superior que tem pouco em comum com os mortais inferiores ao seu redor.

Você já ouviu ministros falando dos membros da igreja como se eles mesmos *não* fossem membros? A mensagem que eles emitem é: "Os membros da igreja pertencem a um tipo de raça, e nós, ministros, a outra". Este não é o jeito de Cristo. Neste capítulo do Evangelho de Marcos, Ele não distancia a si mesmo dos pecadores. De fato, Ele faz exatamente o oposto. Tendo vivido entre pecadores por tanto tempo, e após ser declarado como não sendo um deles, Ele se coloca entre os pecadores novamente, e abertamente se identifica com eles.

Eu descobri que este fato fala poderosamente à minha própria alma. Sou consciente de algumas de minhas falhas, embora perceba apenas o menor número delas. Sou consciente de muitos de meus pecados. Sou particularmente desperto ao fato de que sou muito tolo. Se pudesse remover todas as palavras insensatas que falei durante minha vida, seria um homem muito mais feliz. Minha vida é bagunçada com erros e provas de fraqueza. À luz disto, quão rápido eu deveria me identificar com pecadores! O Filho de Deus fez isto, embora Ele fosse a única vida que já agradou a Deus. Muito mais deveria eu! Distância dos pecadores não é uma opção, aproximação com pecadores não é suficiente — *identificação* é a rota a seguirmos se ministramos como o Mestre.

(2) *Ele Experimentou Tentação*
(Mc 1.12-13)

Você já encontrou uma pessoa que afirmou ter tido uma experiência nova e maravilhosa do Espírito Santo? Ela lhe passou a impressão de que, até onde se refere ao pecado, agora está "acima dele"? — Que a idéia de pecar simplesmente é algo que não vem mais à sua mente? Então saiba disso: A pessoa que você encontrou não teve experiência alguma, nova e maravilhosa, do Espírito Santo!

O Espírito que desceu sobre nosso Senhor em seu batismo foi o Espírito que o conduziu ao deserto para ser tentado. Ninguém pode olhar o Filho de Deus nos olhos e dizer: "Você não entende que tentações eu tenho!".

Nosso Senhor experimentou uma intensidade em suas tentações da qual nada sabemos. Uma pequena cidade costeira perto de onde morei no oeste do país de Gales foi severamente devastada por

ondas impulsionadas pelo vento. No ano seguinte, um grande muro foi construído e a cidade desfrutou de muitos anos de proteção. Então, em uma época de inverno, aquela parte da costa foi açoitada por ventanias sem precedentes. O grande muro resistiu por um tempo, mas por fim foi rachado, quebrado em pedaços e reduzido a pó. O prejuízo para a cidade foi muito pior que qualquer outro conhecido por ela previamente e tudo porque o muro cedeu. Lamento dizer que o muro é uma figura de mim mesmo quando enfrento uma tentação feroz.

Próximo àquela cidade costeira existem alguns rochedos enormes. Os ventos e ondas que arruinaram aquela cidade também bateram naqueles rochedos, mas eles não ruíram. Muito tempo depois do muro ter desaparecido completamente, os ventos e ondas *ainda* batiam naqueles rochedos, porém eles permaneceram inteiramente inabalados. Eles conheciam uma intensidade de ofensivas que por definição o muro não foi capaz de experimentar, porque certamente desabou, quando açoitado forte o suficiente e por tempo suficiente. O Filho de Deus não podia pecar. Sua natureza humana não alterou ou diminuiu sua natureza divina em aspecto algum. Suas tentações eram reais, mas era impossível que Ele pecasse. A junção de divindade e humanidade em uma única Pessoa significava, portanto, que Ele sofreu uma intensidade de tentação que nenhum outro ser humano jamais conhecerá.

Você é tentado a pecar? O pensamento de pecados reais vem à sua mente de forma atrativa? Então, por que às vezes você transmite a impressão de que tais atraentes, encantadores e sedutores pensamentos pecaminosos estão fora de sua experiência pessoal?

Nós que somos pregadores precisamos saber que nosso povo geralmente tem uma impressão muito errada de nós. Eles nos vêem aos domingos e nos ouvem enquanto pontificamos sobre pecado. Com relação ao resto de nossa semana, eles vêem apenas a menor parte do que fazemos. De seu ponto de vista, nossa vida parece ser idílica! Em sua mente, nós gastamos nosso tempo estudando a Bíblia, orando, nos relacionando com cristãos, testemunhando aos não-convertidos — e sendo pagos por isto! Que coisa maravilhosa é ser um pastor! E então eles pensam: "Ele não entende as tentações que o restante de nós tem de encarar"!

Se meu povo nutre este pensamento por mais que alguns momentos, é porque falta algo em meu ministério. Um aspecto

importante do ministério cristão é estabelecer para as pessoas que os ministros, mesmo os melhores, são homens vulneráveis.

Meu povo precisa ouvir meu testemunho sobre o fato de que o Filho de Deus, que trilhou a estrada antes de mim, tem me dado ajuda em tentações freqüentes. Em nossa interação com homens, mulheres, jovens e crianças, simplesmente não é o bastante que sejamos *pregadores*. Nosso povo precisa saber que somos *homens intensamente tentados*, exatamente como eles. Se eles não sabem isto, e não o sabem bem, é porque você não está ministrando como o Mestre.

Nosso Senhor se identifica com pecadores. Ele experimentou tentação. Estes são os fatos que o registro dispõe diante de nós. O que mais Ele faz?

(3) *Ele Faz Discípulos Por Meio de Conversas Pessoais*
(Mc 1.16-20)

Este parágrafo de Marcos nos fala sobre a conversão de Simão, André, Tiago e João. Entretanto, não se trata do início da história deles; estes detalhes são encontrados no primeiro capítulo do Evangelho de João. O que trouxera estes quatro homens até onde vieram foi, antes de tudo, a pregação de João Batista e, em segundo lugar, uma conversa pessoal com nosso Senhor Jesus Cristo.

É o segundo meio, conversa pessoal, que os traz agora ao discipulado. Está lá no texto para todos vermos. Nosso Senhor não era apenas um *pregador*! Ele não se limitava ao púlpito. Ele tinha preocupações evangelísticas quando pregava, como vimos no capítulo anterior, e como também vemos no verso 15. Mas Ele também tinha preocupações evangelísticas quando *não* estava pregando. Se isto não é verdade em mim, ainda não sou como Ele.

O que vemos nos versos 16-20? Nosso Senhor está caminhando junto ao mar. Agora Ele pára. Detêm-se por um instante, a fim de olhar dois homens que estão pescando. Então, Ele fala.

Ele anda um pouco mais pela costa, antes de parar mais uma vez. Agora Ele permanece olhando dois homens consertando suas redes. Ele fala novamente.

O encarnado Filho de Deus *terá* seguidores, e os terá entre as

classes sociais que os religiosos desprezam. Ele os alcançará por meio de uma boca humana que não está pregando um sermão, e trabalhará de tal forma neles que não poderão fazer outra coisa, *exceto* deixar suas redes e tudo mais a fim de segui-Lo.

Não seria o púlpito da sinagoga suficiente para Ele chamar à fé todos os que o Pai Lhe deu? E a fim de chamar, hoje em dia, os eleitos para casa, o púlpito não é suficiente? Não, não e não! O púlpito por si só não o fará. Outros meios devem ser usados também. Estes meios precisam ser usados por todos os homens e mulheres cristãos que não foram chamados a pregar; e *igualmente* precisam ser usados por pregadores!

Muitos homens no ministério não querem ouvir este ensinamento. Eles crêem que seu chamado consiste em anunciar a Deus do púlpito, e que é o chamado dos demais ampliar o reino de Cristo por conversas pessoais. Em sua concepção, os que fazem uma destas coisas não têm responsabilidade de fazer a outra.

Mas isto não é o que o exemplo de nosso Senhor nos ensina. Quem ousaria dizer que seu exemplo é ruim? E quem seria audacioso o bastante para negar a inevitável conclusão? Os *pregadores*, como qualquer um, têm de fazer discípulos por meio de conversas pessoais. E quanto aos jovens nas esquinas que podem ser encontrados em cada metrópole, cidade e vila? Quando falou com eles pela última vez, visando trazê-los a Cristo? Estas não são perguntas a serem evitadas; elas têm de ser respondidas por todo o pregador que deseja seriamente ministrar como o Mestre.

Nosso Senhor se identifica com pecadores, experimenta tentações e faz discípulos por conversas pessoais. O que Ele faz num dia típico não termina aqui.

(4) *Ele Confronta o Mal Pessoalmente*
(Mc 1.21-28)

Ele confronta o mal *pessoalmente*. Mas onde o mal pode ser encontrado? É um tipo de espectro que flutua em algum lugar da atmosfera? Não, é algo que reside nas *personalidades*, tanto demoníacas quanto humanas. Compreender este ponto é vital. Se não, nunca saberemos como lidar com o mal. Você não pode batalhar contra o mal a menos que confronte os outros pessoalmente!

Você sabe o que alguns pregadores querem fazer? Querem lutar contra o mal sem "bater de frente" com *ninguém!* Querem perseguir o mal, sem estarem envolvidos em qualquer tipo de confrontação individual.

Há algo de mal na sinagoga de Cafarnaum. Você não sentiria uma atmosfera de mal ao entrar nela. Não há um sentimento sombrio sobre o bairro. Não há uma influência indefinível que lhe dá arrepios e o deixa de cabelo em pé. O mal não se exibe assim, apesar de ser o que algumas pessoas superimaginativas crêem. Isto não diminui o fato de que há indescritível mal presente na sinagoga naquela ocasião.

Como podemos dizer isto? Porque uma personalidade demoníaca assumiu uma personalidade humana e o homem afetado está na congregação. Ele não veio para ser ensinado e não veio para ser curado. Há um inimigo no arraial.

Na sinagoga nosso Senhor está pregando. Ele não está desperdiçando tempo para proclamar o evangelho, o que faz com autoridade divina. O demônio está alarmado como sempre acontece ao ser pregado o evangelho. Nesta ocasião, ele está profundamente alarmado, porque o pregador é nada menos que o encarnado Filho de Deus! Ele conhece a identidade do Pregador e também é consciente do que Ele pode fazer!

Nosso Senhor é interrompido por este espírito furioso; mas o que Ele faz? Será que Ele pára, se controla e, então, continua, enquanto diz a si mesmo: "A pregação fará o trabalho"?

Este não é um momento para continuar sermões! É um momento para *confrontação!* É um momento de batalhar contra o mal numa maneira pessoal. Neste caso em particular, obviamente, a competição não é equilibrada. "Cala-te", diz a voz divina através de lábios humanos, "e sai desse homem"! O resultado é que a pobre alma é imediata e permanentemente liberta da escravidão de Satã. Todos os presentes estão maravilhados, assim como aqueles que logo ouvem sobre isto.

Eu não sou meu Senhor, nem você é. Nem você ou eu temos autoridade divina, nem estamos diariamente lidando com pessoas possessas de demônios. Mas podemos compreender e aplicar o ponto principal desta passagem: o mal, o mal demoníaco reside nas *pessoas.*

Isto significa que, se você quiser enfrentar o mal, terá de en-

frentar as pessoas. Além dos sermões, terá de dedicar-se à confrontação pessoal. Você pensa que os membros rebeldes serão trazidos de volta ao caminho estreito e reto apenas por meio dos sermões? As ovelhas que não estão presentes para ouvir sua pregação serão reintegradas ao aprisco através de seu ministério no púlpito? O mesmo ministério do púlpito poderá curar a recaída do pastor que você vê nos encontros entre irmãos, ou curará a recaída dos membros da família que não vivem mais em casa? E quanto àqueles que ativamente propagam o mal em nossas escolas, bairros, ruas e comunidades? Você ferirá mortalmente os males de nossa época limitando seu ministério ao que diz de trás de um púlpito elevado no prédio de uma igreja? Há apenas uma maneira de dizer o que precisa ser dito sobre isto: *Enfrente a realidade*!

Então, o que você vai fazer? Recuará e fugirá de cada duelo com o diabo? Não pare de pregar! Mas não apenas pregue! Revista-se de toda a armadura de Deus, tome a espada do Espírito, apoie-se no Vencedor que nunca pode conhecer a derrota e dedique-se a confrontar o mal pessoalmente. Esta é a realidade de ministrar como o Mestre, assim como o que se segue.

(5) *Ele Preocupa-se com os Doentes*
(Mc 1.29-34)

Essa seção não nos fala muito sobre o Senhor da glória? Toda a congregação é deixada ofegante com assombro e determinada a espalhar as novas do que aconteceu por todos os montes da Galiléia. O culto termina e nosso Senhor sai da sinagoga. Mas Ele não se aquece na luz de sua popularidade nem se comporta como "o grande pregador" normalmente se comportaria. Ele segue reto a uma humilde casa onde jazia uma mulher de meia-idade muito doente. E por que Ele vai lá? Porque seus discípulos sentiram liberdade de contar-lhe sobre o estado da sogra de Pedro. Eles haviam escutado a autoridade com que Ele fala e haviam visto uma surpreendente exposição de seu poder, mas nada do que acontecera desgastou a convicção deles de que Ele se *importa*.

"Logo lhe falaram a respeito dela. Então, aproximando-se, tomou-a pela mão; e a febre a deixou, passando ela a servi-los" (Mc 1.30-31).

Eu não tenho poder de fazer isto; nem tenho poder de deixar uma congregação ofegante de admiração. Mas fico me perguntando uma porção de coisas: Eu sou, como um embaixador de Cristo, tão acessível quanto meu Senhor? As pessoas ao meu redor estão certas de que me preocupo? Elas estão suficientemente confiantes disto a ponto de sentirem liberdade para me contar sobre *qualquer* pessoa doente que pode ser beneficiada com uma visita? Se elas não estão, há algo errado; e está claro que ainda não estou ministrando como meu Mestre.

Além do mais, o que traz toda a cidade à porta dEle naquela noite de domingo? É somente o fato de estarem todos maravilhados pelo poder dEle e de saberem que Ele é capaz de lidar com os doentes ou possessos? Ou há outro fator que precisamos considerar?

Não é difícil responder estas perguntas. Você não leva seus entes queridos a alguém que faz curas, por mais poderoso que seja, se você nutre qualquer dúvida significante sobre a *disposição* dele em ajudar as pessoas. As pessoas vêm a Ele porque sabem que Ele se importa. Isto explica a atitude dos quatro amigos que está registrada no início do próximo capítulo. O que os persuade a tomarem seu amigo paralisado e o levarem a Jesus? Por que eles não foram desencorajados pelo fato de que já havia centenas à porta, sendo impossível entrar na sala onde Ele estava ensinando? O que os motiva a subirem no telhado para abrir caminho e por ele descer seu amigo paralítico à presença do Mestre? É a convicção que arde em cada coração galileu, naquele momento: O fato de que há multidões afluindo a Ele não O torna menos interessado na pessoa amada que estou trazendo! Ele não é alguém tão interessado em multidões que deixou de se preocupar com as pessoas individualmente.

Eu vejo tudo isso como profundamente desafiador. Não estou convencido de que interesso-me genuinamente por todo homem, mulher, menino e menina ao meu redor como deveria interessar-me. Confesso que esta é uma área na qual tenho de arrepender-me todos os dias. Eu sei que com freqüência tenho falado apenas nos "estudantes" em nossa igreja, ao invés de falar sobre Paulo, Sara, Ricardo e João. Do mesmo modo tenho freqüentemente pensado sobre os "jovens" ao invés de pensar sobre Alice, José, Julia e Estêvão. Sei que quando o prédio da igreja tem muita gente e precisamos trazer cadeiras extras; e quando o louvor foi particularmente bom, e houve uma atmosfera de jubilosa esperança; quando há en-

tusiasmo e uma boa expectativa durante a pregação, geralmente falho em olhar para os rostos individualmente e pecaminosamente esqueço de ver as pessoas como ovelhas sem pastor.

Esta não é a atitude do Mestre, mas o que devemos fazer quanto a isto? Como ministro do evangelho, me alegro por não ter de chamar a você e a mim mesmo de volta ao Sinai. Eu não tenho que dizer a qualquer pastor imperfeito: "Você precisa melhorar!", muito menos a mim mesmo. Não dizemos tais coisas a incrédulos e não deveríamos dizê-las uns aos outros.

Onde há pecado, falha e fracasso, sabemos o que fazer; devemos nos voltar à cruz e confessar estas coisas. Devemos buscar o Crucificado que é agora Exaltado; devemos reconhecer tudo que O ofende e entristece, experimentar novamente sua purificação e deixar o lugar secreto com uma consciência limpa.

Espero que ninguém leia um capítulo como este e diga: "Muito bem, terminarei esse capítulo hoje à tarde e no futuro melhorarei!" O propósito deste capítulo não é dizer: "Faça isso! Faça isso! Faça isso!". A minha oração, contudo, é para que mais de um leitor diga: "Em todas as áreas da vida eu baguncei as coisas. Senhor, novamente me prostro aos teus pés, como um pecador diante da cruz e quero contar tudo sobre essa desordem". Nosso Senhor mostra graça e dá perdão a todo pecador arrependido. Ele também se certifica de que a vida de tal pecador não permaneça como era!

Queremos ser pregadores, mas não *apenas* pregadores; queremos ministrar como o Mestre. No capítulo 1 de Marcos, Ele se identifica com pecadores. Ele é tentado. Ele fala com as pessoas e as torna discípulas por meio de conversas pessoais. Ele resiste ao mal face a face. Ele *se preocupa* com uma pessoa, mesmo quando tal pessoa está entre uma multidão. Ele é alguém "do povo". Mas é importante salientarmos que Ele é muito *mais* que tudo isso.

(6) *Ele Mantém uma Vida de Oração Secreta*
(Mc 1.35-29)

Oh, que vida ocupada nosso Senhor teve — viagem, pregação, cura, expulsão de demônios e sofrimento de oposição. Em termos concretos, quem diria o que é representado por um verso tão curto

quanto o 39: "Então, foi por toda a Galiléia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios"?

A noite passada foi longa. A que horas as multidões foram mandadas de volta para casa e a última pessoa foi vista à porta? Posso ver os discípulos tentando organizá-las em fila e percebendo que esta não diminuía. Eu posso vê-los tanto felizes quanto frustrados ao ver outras pessoas constantemente chegando. Formam-se olheiras nos seus olhos. Eles sentem como se tivessem areia sob as pálpebras. São gratos pelas curas que seu Senhor está fazendo, mas não conseguem esconder o fato de estarem extremamente cansados, e cada vez mais desanimados, esperando que ninguém mais apareça. Finalmente não há mais pessoa alguma a quem atender! Eles caem, exaustos, imóveis na cama pela qual vinham esperando por muitas horas.

Quando menos esperam, amanhece. Além disso, as multidões estão de volta! Os discípulos dispõem-se a fim de encontrar o Senhor. Mas Ele não está lá. Então, onde poderia estar?

Há horas que Ele já está de pé — desde antes do amanhecer. Saiu para longe, longe de toda gente. Mas por quê? Porque Ele é o homem perfeito que tem uma clara série de prioridades. Relacionamentos calorosos e generosos com as pessoas é vital, mas há outro relacionamento que deve ser cultivado *primeiramente*. A pregação é o seu chamado; por isso Ele está aqui. Mas esta não é a primeira coisa a ser pensada, não é a primeira coisa a ser feita. Oração é o que encabeça a lista de nosso Senhor. O lugar da oração não tem rival. É o primeiro de todos os outros.

Por que a oração deve ser feita, e em primeiro lugar? No meu caso a resposta é clara: antes de ser pastor, sou um *pecador*; e não conheço nenhum outro lugar onde possa conseguir perdão, exceto em Deus. Mais ainda, antes de ser pregador, devo ser *adorador*. Antes de amar meu próximo, devo *amar* a Deus. Tudo que sempre serei é um homem a quem o Senhor disse: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15.5). Mas ainda sou um pregador. Entretanto, como pastor, necessito de uma palavra do céu; e quando a recebo, preciso de ajuda celestial para proclamá-la. Oração deve ser a maior prioridade.

Quando a oração deve ser feita? Cada dia da semana, antes de qualquer outra coisa. O domingo acabou. A semana de trabalho está começando. A oração deve ser a alvorada de cada dia.

Onde a oração deve ser feita? Onde ninguém mais se encontre.

Quanto tempo deve durar a oração? Até que seja interrompido. A interrupção pode ser feita por pessoas, como é o caso nesses versos, ou pelos compromissos que Deus me deu para aquele dia em particular.

E se, em minha vida, a oração não é uma prioridade planejada, ainda não estou ministrando como o Mestre. Repito, contudo, que nossa necessidade não é tanto de melhorar quanto o é de arrependimento. Nenhum pregador que decide simplesmente dar uma nova prioridade à oração será bem-sucedido. Suas melhores intenções falharão e seus velhos hábitos o vencerão novamente. Ninguém pode mudar do que é para o que deseja ser; somente o Espírito de Deus dado por Jesus Cristo pode nos mudar.

Como posso conhecer uma medida maior do Espírito de Deus? Você lembra do ritual registrado em Levítico, capítulo 8? Este capítulo nos fala como Arão e seus filhos foram consagrados formalmente para servir como sacerdotes no antigo Israel. Em determinado momento, o sangue de um carneiro sacrificado era colocado em cada um deles, na orelha direita, dedão direito e dedão direito do pé. Logo depois, o óleo da unção era colocado nos mesmos lugares. Onde quer que houvesse sangue, havia óleo.

Onde quer que haja sangue, há óleo: Eu tenho tentado viver este princípio desde meus anos de adolescência. Em minhas incontáveis falhas, percebo que nunca é suficiente dizer que melhorarei, e, enfim, entrarei na linha. A única coisa que posso fazer é ir ao Senhor e confessar tudo novamente.

Percebo que ao ter uma compreensão renovada do sangue dEle me limpando, também tenho uma compreensão de seu Espírito me ajudando. Somente com arrependimento e lágrimas as coisas parecem se arrumar e prosseguir corretamente. Nunca encontrei qualquer ajuda no esforço próprio e ele não faz parte da minha mensagem. A única esperança que temos está na misericórdia de Deus. Nesse capítulo, nosso Senhor mantém uma vida de oração secreta, e a melhor maneira de aprendermos a fazer o mesmo é ficando sozinhos com Ele, e admitirmos tudo de errado que temos feito. Aqueles que no lugar secreto tiveram encontros transformadores de vida não se distanciam de tal lugar por muito tempo.

Enquanto examinamos um dia comum no ministério do nosso Senhor, há um tópico final para percebermos:

(7) *Ele Toca os Rejeitados*
(Mc 1.40-45)

Sim, Ele toca alguém do qual todos os outros se recusam a aproximar-se. Quem seria considerado rejeitado em sua igreja? Provavelmente estamos bem informados sobre quem são os rejeitados na sociedade moderna, mas quem são eles dentro de sua igreja?

Enquanto tentamos responder esta pergunta, que temos em mente? Em que tipo de pessoa estamos pensando? Pedófilos? Gays e lésbicas? Alcoólatras? Viciados em drogas? Feministas militantes? Pessoas que desprezam a família? Imigrantes recentes? Incultos de famílias desestruturadas? O "cara" no fim da rua que tem AIDS? Eu não sei quem está na sua lista. Talvez nenhuma destas pessoas esteja. Talvez você tenha uma lista completamente diferente.

Mas como você reagiria se uma dessas pessoas — somente uma delas — mostrasse interesse no Senhor Jesus Cristo? Indubitavelmente os leprosos eram os rejeitados da sociedade na Palestina do século I, mas veja o que acontece nesse parágrafo:

"Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me" (Mc 1.40).

O que você faria, se apenas uma pessoa dentre aquelas na sua lista surgisse assim, com humildade, a fim de perguntar sobre o Senhor? E se esta pessoa viesse com crença firme no poder dEle, mas com dúvidas reais quanto à disposição dEle para curá-la? Nestas circunstâncias, você tocaria alguém a quem ninguém mais gostaria de ter perto de si?

Agora é possível que muitos leitores deste livro estejam dizendo algo semelhante a : "Esta comparação não é justa. O homem na passagem é leproso. Ninguém procura contágio da lepra. Esta terrível doença é contagiosa. Leprosos são *vítimas* e não merecem culpa alguma. Entretanto, a maioria das pessoas que você mencionou anteriormente — pedófilos, gays e lésbicas, alcoólatras, viciados em drogas, feministas militantes, desdenhadores da própria família — são pessoas que deliberadamente escolheram *seu estilo de vida*. Estas e os leprosos simplesmente não podem ser colocados na mesma categoria".

Isto é verdade, mas não há uma razão válida para tentar escapar do desafio deste parágrafo. O nosso Senhor que toca o leproso é o mesmo que senta à mesa com coletores de impostos trapaceiros e prostitutas profissionais. Ele não se mantém distante deste tipo de gente!

E quem é Ele? É o encarnado Filho de Deus, que é tão santo na terra quanto o era no céu. Ele é tão santo na Galiléia como quando Isaías ouviu o Serafim maravilhado falar sobre Ele: "Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3). E aqui está Ele, o Deus imutável, tocando alguém do qual ninguém mais sonharia em se aproximar!

Ele faz isto porque seu coração divino se compadece. Lágrimas vêm aos seus olhos humanos. Onde todos estão sendo cruéis, Ele está sendo gentil. Onde todos se afastam, Ele se aproxima. Onde os outros rejeitam o leproso, Ele o recebe.

A sua disposição para receber os rejeitados não é de nenhuma forma afetada pelo que os outros podem estar pensando. Sua disposição tem vida própria; não é qualificada ou reduzida pelas atitudes sociais que prevalecem. Então, Ele cura o leproso, embora a conseqüência de seu toque envolva seu ministério em complicações por dificultar sua entrada em qualquer cidade.

Existem certos tipos de pessoas ao lado das quais eu preferiria não ser visto? Existem pessoas das quais reluto em aproximar-me, *não* pelo que elas são em si mesmas, mas pelo que os *outros* podem dizer? Existem certos tipos de pessoas que sinto-me aliviado de não ter como membros da igreja e sou definitivamente feliz por não ter uma igreja cheia deles? Existem certos tipos de homens e mulheres que me deixariam constrangidos por estarem presentes nos cultos? Existem outros cuja presença já está me constrangendo?

Estou disposto de ter meu coração sondado neste assunto? Aqui está um fato que tenho de encarar: Enquanto houver uma pessoa neste planeta da qual não quero me aproximar, não estou ministrando como o Mestre.

Então, este curto livro chega ao final. Foi escrito para qualquer um que se interessar em ler, mas visa especialmente os pregadores. Nosso Senhor era um pregador. Ele não era um pregador enfadonho; era um pregador evangelista; mas não era apenas um pregador. Isto aconteceu, porque toda a sua vida foi um ministério, e ministrar foi toda a sua vida.

Certamente este é o ponto importante a se entender e relembrar ao fim destes breves estudos. É o ponto que direcionará a mente de todos que intencionam ministrar como o Mestre.

MINISTRANDO COMO O MESTRE

Cristo não era um pregador enfadonho! "Quão maravilhoso seria", diz Stuart Olyott, na introdução deste livro, "se os pregadores cristãos de todo o mundo estivessem ministrando como o seu Mestre". Olyott extrai dos evangelhos alguns exemplos da pregação de Cristo, e desafia os pregadores da atualidade com três características do ministério do Mestre. O estilo e o método de Cristo não eram *enfadonhos*, e sim *encantadores*. A pregação de Cristo era evangelística. O ministério de Cristo compreendia mais do que somente a pregação: a sua vida inteira era um ministério. De modo agradável, estimulante e prático, Olyott ajuda os pregadores a evitarem alguns perigos e ciladas que poderiam impedir a pregação genuína. Assim, ele nos mostra quão essencial é o exemplo de Cristo para aqueles que procuram, em nossos dias, ministrar em nome dEle.

Stuart Olyott é Diretor Pastoral do Movimento Evangélico de Gales e ministra palestras sobre pregação no Evangelical Theological College of Walles, em Bryntirion, Bridgend. Ele pastoreou a igreja da Belvidere Road, em Liverpool e traduziu *Truth for All Time*, um breve artigo de João Calvino sobre a fé cristã.

FIEL

ISBN 85991451[illegible]-8

9 788599 145111